

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

JANDAÍRA FERNANDES DA SILVA

LITERATURA E COMPREENSÃO DE TEXTOS: AS DIMENSÕES DO  
COTIDIANO ESCOLAR

São Leopoldo

2011

JANDAÍRA FERNANDES DA SILVA

LITERATURA E COMPREENSÃO DE TEXTOS:  
AS DIMENSÕES DO COTIDIANO ESCOLAR

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Educação  
Comunitária com Infância e  
Juventude

Orientador: Euclides Redin

Segundo Avaliador: Remí Klein

São Leopoldo

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586L Silva, Jandaíra Fernandes da  
Literatura e compreensão de textos: as dimensões  
do cotidiano escolar / Jandaíra Fernandes da Silva ;  
orientador Euclides Redin ; co-orientador Remí Klein. –  
São Leopoldo : EST/PPG, 2011.

54.f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de  
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em  
Teologia. São Leopoldo, 2011.

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Leitura –  
Desenvolvimento. 3. Jovens – Livros e leitura. I. Redin,  
Euclides. II. Klein, Remí. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JANDAÍRA FERNANDES DA SILVA

LITERATURA E COMPREENSÃO DE TEXTOS:  
AS DIMENSÕES DO COTIDIANO ESCOLAR

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Educação  
Comunitária com Infância e  
Juventude

Euclides Redin - Doutor em Psicologia Escolar - Escola Superior de Teologia

---

Remí Klein - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

---

## **AGRADECIMENTOS**

*“Viver é acalentar sonhos e esperanças, fazendo da fé a nossa inspiração maior. É buscar nas pequenas coisas, um grande motivo para ser feliz!”*

(Mário Quintana)

*Ao amigo e irmão Emetério, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença.  
Simplesmente assim.*

*À Dalila, querida a irmã coautora da minha história de mestranda.*

*Aos amigos Ziara e Robson, sempre presentes como âncoras para que tudo desse certo.*

*Às amigas, Diana Vilma e Eliete, mimos de Deus em dias tão difíceis.*

*Ao amigo Francisco Neto, pessoa querida, olhar presente, abraço calado, certeza de conforto nas horas mais difíceis e de festejos nas horas mais felizes.*

*À dona Elci, palavra constante, acalento de mãe.*

*À pastora Iara da EST, pela escuta sensível e apoio espiritual na hora da dor.*

*E a todas as pessoas que com um gesto, um olhar ou palavras me ajudaram a escrever mais uma página da minha história de vida.*

## **Dedicatória**

*Dedico este trabalho ao meu querido amigo professor Remí, que com simplicidade e um olhar intrínseco que enxerga além da alma fez encontrar em mim a escritora que dormia temerosa de ceder às palavras. Assim, em uma ebulição de medo com o choro contido segui o seu conselho de colocar no papel tudo que viesse a mente. E sabiamente o mesmo citando Pablo Picasso disse-me: “Que a inspiração chegue não depende de mim. A única coisa que posso fazer é garantir que ela me encontre trabalhando”. A dedicação de Remí foi algo sempre presente até nas escolhas das palavras para criticar as minhas testagens na construção deste trabalho;  
Ao Meu marido, Raildo, e a meus filhos, João Vítor e Guilherme, razão da minha vida;*

*“Mais que a minha própria vida, além do que eu sonhei pra mim, raio de luz, inspiração, amor você é assim, rima dos versos que eu canto, imenso amor que eu falo tanto”.*

(Roberto Carlos)

*In memoriam de minha querida “mãe-avó”, Altina, pelo candeeiro sempre pacientemente empunhado para alumiar as minhas atividades escolares e pelo suco de beterraba servido, coado em pano alvejado por mãos tão dedicadas;  
Aos meus pais, Jandair e Maria Conceição (Coca), o começo de tudo e alentos espirituais;  
À minha irmã, Marcijanes, pelo zelo com os meus filhos, tornando a minha ausência menos sofrida.*

## RESUMO

Esta dissertação busca compreender porque o jovem não gosta de ler literatura clássica e faz uma abordagem sobre a importância da leitura para a libertação do ser humano. Para tal, traz memórias da autora do percurso da sua aprendizagem de leitura e de relatos de experiências de educadora. Todo o texto foi construído norteado por autores que discorrem sobre a temática. Buscou-se delinear peculiaridades de forma divertida sobre algumas obras e de práticas pedagógicas da autora e de colegas, bem como algumas recepções de alunos frente a propostas de leituras. A metodologia de pesquisa foi de registros particulares feitos a partir de observações e de vivências, resgatadas pela memória durante a produção dos textos. Com este estudo, espera-se contribuir para as reflexões que abarcam a leitura do texto literário, em particular a literatura clássica, tendo em vista um avanço do processo de formação do leitor literário na escola. Contudo, com as reflexões, não se espera apresentar algo novo. Mas, de novo chamar atenção para novos olhares sobre o tema.

**Palavras-chave:** Leitura. Literatura Clássica. Escola. Professor. Aluno.

## **ABSTRACT**

This dissertation aims to understand why the young do not like reading classical literature and elaborates an approach on the importance of reading for the liberation of human beings. In this way, the author brings back memories of the journey of learning of reading and experience reports as educator. This text was built guided by authors who write about the respective topic. It sought to delineate the peculiarities about some books and teaching practices of the author and colleagues in a funny way, as well as some impressions of students in relation to the proposals of readings. The research methodology was the use of private records collected from observations and experiences, redeemed by memory during the production of this text. With this study, we hope to contribute to the reflections that involve the reading of the literary text, specially the classics, toward the advancing of the process of formation of the literary reader in school. However, it is not intended to present something new with these reflections, but to provoke new perspectives on the issue.

**Keywords:** Reading. Classics. School. Teacher. Student.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1 (J)ANDARILHANDO NO MUNDO DAS LETRAS.....	12
2 (J)ANDARILHANDO NO MUNDO DA LITERATURA: UMA LUTA PELA ARTE ....	25
3 (J)ANDARILHANDO NA SALA DE AULA: UM PRÁTICA PEDAGÓGICA .....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUMAS PALAVRAS .....	49
REFERÊNCIAS.....	53

## INTRODUÇÃO

A literatura e a leitura sempre estiveram presentes em todos os caminhos por onde passei e o que era coincidência terminou, por assim dizer, em um caso de amor, traição e ódio. Digo traição porque quase enveredei por Análise do Discurso, durante o curso de Letras; de amor porque na literatura fiz muitas viagens imaginárias; de ódio porque, no caminho da nossa relação, enfrentei muitos obstáculos que, enquanto aluna e mais tarde professora, me fizeram travar uma briga comigo mesma, com meus ensinadores, com práticas minhas e de colegas em sala de aula. Então a motivação para falar do tema vem da necessidade de discutir o que impede alunos de gostarem de ler obras de literatura clássica.

Pois a leitura tem sido a principal preocupação de todos os que estão direta ou indiretamente envolvidos com o processo de ensino–aprendizagem. Muitos são os projetos, oficinas e até premiações promovidos pelas escolas, Governo Federal, Estadual e Municipal, no sentido de incentivar e formar bons leitores. Entretanto, percebe-se que poucos alunos fazem a leitura das obras indicadas ou estudam o contexto literário e um número significativo deles se esquivam de cumprir as propostas que exigem leitura e compreensão dos textos, preferindo fazer avaliações pontuais (provas). Por isso, buscaremos investigar: O que impede alunos do Ensino Médio a fazerem leitura e compreensão de obras literárias de maneira satisfatória e prazerosa? Para Jolibert,

ler é atribuir um sentido a algo escrito, é questionar um texto a partir de uma expectativa real (necessidade de prazer) numa verdadeira situação de vida, que nada tem a ver como uma decifração linear e regular que parte da primeira palavra da primeira linha até a última. Questionar um texto é fazer hipóteses de sentido a partir de índices levantados. É lendo de verdade que alguém se torna leitor e não aprendendo primeiro a ler.<sup>1</sup>

Tal inquietação surge de observações no meu cotidiano escolar em várias turmas por onde passo dando aula de literatura e em conversas informais durante as reuniões de Atividade Complementar (AC) e em especial a execução de uma Gincana Literária em uma das escolas, onde sou docente. Na culminância da

---

<sup>1</sup> JOLIBERT, Josette. *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 219.

gincana, era notória a insatisfação dos alunos e a sua falta de preparo quando tinham que apresentar tarefas que exigiam conhecimentos prévios acerca de obras indicadas e trabalhadas no percurso do projeto. A cada frustração dos envolvidos, eu tinha a sensação de que discutir sobre a importância da leitura e das nossas práticas pedagógicas, concernentes às aulas de literatura, era uma missão. É importante acrescentar que os alunos, em seu cotidiano como leitor, não têm atendido as expectativas do professor e nem as suas.

Nota-se, portanto, que o que acontece no dia a dia em sala de aula é uma constante negativa dos alunos, quando a proposta é ler. Cada vez que o professor tenta desenvolver alguma atividade que envolva leitura e compreensão de texto, ouve de imediato “não gosto”, “não sei”, “não entendi nada”. Dar prosseguimento à atividade torna-se difícil e às vezes impossível, causando, como denominam os alunos, “estress” entre ambas as partes.

Escrever sobre este tema é simultaneamente um prazer e um desafio. Prazer por tratar-se de algo que me causa inquietação, enquanto docente, que visa investigar as causas que levam alunos a não gostarem da ler e principalmente literatura clássica. Desafio, em razão da subjetividade do tema, pois é muito difícil termos que reconhecer as nossas próprias dificuldades. Ser fiel às ideias e criticar as práticas de outrem e ser claro o suficiente para contribuir com a minha pesquisa, para a melhoria do ensino público, bem como uma reflexão acerca da formação de leitores e no nosso caso de obras literárias.

A metodologia utilizada será a de observação informal das turmas de Ensino Médio das escolas em que trabalho, dos projetos que aplico e em especial um memorial das minhas práticas pedagógicas nas aulas de literatura, bem como uma análise do meu percurso enquanto aluna educadora e leitora assídua de obras literárias.

Entretanto, não terei, em qualquer momento, a pretensão de esgotar a temática em análise. Ao contrário, minha preocupação, aqui, será de apresentar a problemática e um estudo panorâmico, bem como um pensamento provocador de reflexões sobre a prática da literatura dentro e fora do contexto escolar. Assim, na tentativa de discutir, refletir, analisar e investigar a temática, *locus* da pesquisa, é que ideias serão organizadas nos seguintes capítulos: **1 (J)andarrilhando no mundo**

**das letras; 2 (J)andarihando no mundo da Literatura: uma luta pela arte; 3 (J)andarihando na sala de aula: uma prática pedagógica e Considerações Finais: algumas palavras.**

Convém acrescentar que o primeiro capítulo versará sobre o meu contato com as letras e a forma apaixonante que aprendemos a lidar com as palavras, bem como experiências que transformaram a vida de algumas pessoas ao aprenderem a ler. Já o segundo capítulo traz uma abordagem sobre a literatura e a escola. E o terceiro capítulo trata de relatos de experiências de sala de aula, sendo todos apoiados em autores que norteiam as nossas discussões. Ao final, apresento considerações que visam costurar, provisoriamente, as abordagens feitas nos capítulos.

## 1 (J)ANDARILHANDO NO MUNDO DAS LETRAS

Começar um texto não é algo fácil. Sempre estou a perguntar-me por onde começar, como quem pela primeira vez está a visitar algum lugar desejado, que, munido de curiosidade, não lhe falta energia e sobra ansiedade, mas faltam as palavras e sobram as ideias, embora desconfie que chegar ao final deixa um gosto inebriado de quem faria tudo outra vez.

Assim, iniciarei contando da minha relação com as letras. Aos três anos, descobri que juntá-las me fazia desvelar o mundo. E, de papel de embrulho com um furinho rasgado a mão, meu pai pegava a cartilha e cobria as letras e em seguida as sílabas para que eu desvendasse uma a uma. Ali eu percebia que eu queria pertencer àquele mundo, o dos letrados. E, aos seis anos, imitando os passos do meu pai e a sua técnica infalível, comecei a ensinar as minhas irmãs menores. A cada dia, eu me tornava cada vez mais interessada e tudo servia de lousa e de giz, e foi inevitável que começassem a dizer que aquela menina seria professora.

Entretanto, muito ainda estava por vir até que, aos oito anos de idade, em Salvador, buscando ajudar uma família que viera de Sergipe e não havia encontrado vaga na escola, coloquei-me à disposição para ensinar as quatro crianças. Eu jamais poderia imaginar que ali estava selada uma relação conjugal e de amor entre mim e o ato de “ensinação”. Pois, não é por acaso que denomino ensinação, vez que todos os dias eu lançava mão de estratégias para que eu ingenuamente prendesse a atenção e fosse respeitada na minha ação. E não foram poucas às vezes em que brincava de boneca e promovia casamentos e batizados entre os alunos-atores que tinham que ler os discursos do padre, escrever a certidão de casamento e até a lista do supermercado.

E hoje, ao rememorar, lembro que tudo era feito naturalmente, apenas pelo prazer de brincar com as letras e descobrir palavras. Porém, ao fazê-lo, sentia-me preenchida, como quem nada mais poderia ser ou fazer além de professora e ensinar.

Ao término daquele ano, os meus vizinhos foram matriculados na escola, mas continuaram comigo tendo aula de reforço por mais algum tempo e eu segui ensinando meus irmãos e colegas que solicitavam ajuda, até que nos mudamos

para a cidade de Gandu, onde iniciei meus estudos na 5ª série. E, como há de se desconfiar, logo percebi a quantidade de pessoas, pedreiros e ajudantes, que não sabiam ler ou escrever e quantos colegas também tinham dificuldade de leitura. Então decidi usar a sala da casa da minha mãe como escola. A cada dia que passava, eu me tornava mais apaixonada por ver adultos e crianças descobrindo o seu nome e a sua identidade.

E falo em identidade por lembrar-me de um senhor que durante a sua infância foi chamado pelo apelido de “nego” e adulto “nego carpina” devido a sua profissão. Como eu não tinha nenhum preparo didático, fazia as coisas por intuição e pedi que cada um se apresentasse. Logo, aquele senhor que me chamava de senhora professora, levantou-se, tirou chapéu e disse que não sabia exatamente o seu nome, pois nunca tinha ido à escola e também não sabia nem assinar e nem a leitura, como costumam dizer os não alfabetizados. Ao pegar a certidão de nascimento e ler para a classe, descobri o quanto ler era importante para aquele homem que, encantado por ouvir Antônio Procópio, disse que não sossegaria enquanto não aprendesse a registrar o próprio nome.

Alguns meses se passaram e aquele senhor foi trabalhar em outra cidade e o seu maior orgulho era saber escrever o próprio nome. Há alguns anos o vi e rimos muito, pois, mesmo depois de tanto tempo, ele me chamou de “fessorinha”. Durante muitos anos, continuei dando aulas a meninos e meninas que brincavam de pega-pega, roda, bambolê, ciranda e amarelinha comigo e em turno oposto me chamavam de “pró”. Tantos eram os alunos que meu pai teve que ampliar a casa e reservar um espaço em que coloquei o nome da Escolinha Primeiros Passos.

Apesar de parecer para alguns uma atividade que poderia me roubar a infância e a adolescência, aquela experiência era como uma grande brincadeira em que eu podia desempenhar o papel de professora e, ao mesmo tempo, vivenciar o que eu mais gostava que era ver as pessoas lendo. Era como se fosse mágica e eu não entendia inicialmente como um adulto não sabia ler. Percebia que era negar-lhe a visão. Tudo aquilo era muito estranho a quem descobriu o fascínio das letras e das palavras tão cedo.

A literatura também esteve presente em minha vida desde cedo, pois lembro que um dos presentes marcantes da minha infância foi uma caixa verde com letras

douradas que continha uma coleção de livros cujo nome era *Contos de Fadas* dos irmãos Grimm. Ao amanhecer do dia de Natal, fui ansiosa ver nos sapatos embaixo da cama o que Papai Noel deixou para nós e lá estava a caixa mágica. Só muito tempo depois soube do sacrifício que minha mãe fez para comprar a caixa mágica.

A partir daquele dia, reunimo-nos por muitas vezes, formando uma roda no quintal e com minha avó no centro, que se punha a contar muitas histórias, em seguida a sortear a história daquela caixa, que preencheria nossas tardes, embalaria nossos sonhos e me transformaria em uma apaixonada pelas letras e principalmente pelo que as palavras são capazes de revelar.

Hoje, quando revisito o meu passado, percebo que poucas são as memórias que não estão no cenário da minha vida de leitora. E recordo-me de quantas vezes me escondia embaixo da cama para ler bolsilivros que contavam histórias de faroeste e os muitos romances de Rebeca e Sabrina, proibidos pela minha avó, que costumava dizer que aquele tipo de leitura viciava, já que minha tia Tonha tinha inúmeros deles que lotavam caixas. Assim, segui na adolescência juntando os trocados e comprando os romances que muitas vezes me fizeram reunir colegas, no fundo da escola Polivalente atrás dos coqueiros, longe de quaisquer olhos proibidores. Ler aqueles romances me fazia visitar muitas terras distantes, sentir cheiros, escutar sons nunca antes experienciados.

As roupas usadas por *Kethlen* naquela praia do Caribe em um dia ensolarado, para ir ao encontro de John, que a esperava desesperadamente depois de ter sido separada pelos seus pais por pertencerem a classes sociais diferentes. Aquelas histórias carregavam-me para um mundo maravilhoso e, muitas vezes, assisti ao desfecho, cujo amor eterno era selado em um *grand finale*, com um beijo de John, que a tomava em seus braços e dizia que jamais se separariam.

Há quem diga que a primeira vez a gente nunca esquece. E comigo não foi diferente, mas não me refiro ao primeiro beijo ou ao primeiro sutiã. Refiro-me aos livros que, indicados pela escola, traçaram comigo uma relação de amor que nunca saiu da minha memória.

Pois na oitava série foi-me indicada a leitura de *À procura do sol*, de Lannoy Dorin. E ali eu estava marcada pela história daquele jovem toxicômano que lutava contra o vício; e tornei-me a militante em sua ou nossa causa. Assim, cada leitura

fazia de mim mais uma personagem e, às vezes, até co-autora das tramas. No desenrolar das tramas, lá estava eu adentrando sinestesticamente a tessitura do texto.

Todas as leituras abriam um leque de possibilidades para que eu recriasse o meu mundo mágico. Entretanto, a mesma sorte eu não tive ao adentrar o Ensino Médio, pois passei as férias lendo o livro de Literatura e toda a minha expectativa foi quebrada ao ser indicada *Diva*, de José de Alencar. Naquele dia, eu não consegui me encantar e viajar naquela história que me seria cobrada em forma de ficha.

Muitos foram os dias que passei debruçada sobre aquele livro e tantas eram as questões para serem literalmente respondidas que a leitura era um fardo do qual e eu já não via a hora de me livrar. E, graças a Deus, no dia do juízo final, a prova, eu me desvencilhei daquelas amarras, informando tecnicamente o que o *menu* dizia. Freire pontua:

Mas também ninguém, numa perspectiva democrática, deveria ensinar o que sabe sem, de um lado, saber o que já sabem e em que nível sabem aqueles e aquelas a quem vai ensinar o que sabe. De outro, sem respeitar esse saber, parte do qual se acha implícito na leitura do mundo dos que vão aprender o que quem vai ensinar sabe.<sup>2</sup>

Por ora, eu estava livre. Entretanto, eu não sabia que o meu destino com a literatura em sala de aula já estava traçado. E muitos outros livros, escolas literárias e um emaranhado de informações não decodificadas por mim invadiam-me causando um desconforto interminável. Assim, a cada aula eu tinha mais surpresa, pois não acreditava que poderia ser pior e o era. Aquela menina que tanto gostava de ler estava sucumbida pela obrigatoriedade de reproduzir informações contidas nos livros caixas-pretas. Como diz Assmann,

frise-se que, ao longo de tantos séculos, um dos objetivos nunca esteve presente: a formação de leitores para a literatura, em geral, ou para a poesia, em particular. Não que a escola não opere por metas, pois visa habilitar sujeitos à escrita e à leitura, assim como se propõe a transmitir conteúdos. No entanto, não se explicita que tipo de leitura tem em vista, ainda que almeje que o saber adquirido seja o da literatura. Só que essas duas pontas não se atam, pois a leitura visada não é a do texto literário e o conhecimento da literatura (nacional, via de regra) não decorre da

---

<sup>2</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 131.



apropriação e do deciframento de obras e ficção, mas sim da transmissão da história literária.<sup>3</sup>

Contudo, todo o marasmo das aulas de literatura não me paralisaria por muito tempo e logo resolvi formar uma espécie clube de leitores. O clube consistia em reunirmos colegas que comprassem livros e emprestassem uns aos outros. Era muito interessante a competição sadia que existia entre nós, que buscávamos a liderança no *ranking* de quem lia mais. Todos os nossos encontros eram recheados de relatos sobre os livros e particularmente um certo *marketing* para ganharmos mais leitores. E assim os meus vazios foram preenchidos pela delícia da escolha do livro de literatura e das histórias que me faziam viajar. Escola e literatura não foi para mim uma relação harmônica e sempre procurei, ainda que instintivamente, dissolver o conflito existente entre ambas.

Ao terminar o magistério, passei a dar aulas em uma escola de Ensino Básico e comecei a fazer da leitura em sala de aula uma missão. E, dez anos depois, ao iniciar o curso de Licenciatura em Letras, pude ver o quanto tinha concepções equivocadas das aulas de literatura e o quanto os livros indicados se faziam presentes em nossas vidas, uma vez que eu revisitava o passado e interagía com aquelas poesias, prosas e narrativas presentes em obras tão antigas e tão atuais. Naquele momento, ao mesmo tempo em que se confundia realidade e criação, a professora nos oportunizava recriar os cenários e reviver as histórias das obras que eram das escolas literárias e que parecia estarmos vivendo verossimilhanamente.

A nossa seleção vocabular traz um pouco do que somos e acreditamos. Assim logo fui percebida na sala de aula da graduação como alguém que falava bonito e era engraçado como as colegas pediam-me para dizer o significado das palavras ou sinonimizá-las. Mas as coisas também tem o seu lado menos bom, logo arranjei alguns ciúmes, inclusive de professores que chegaram a verbalizar aborrecidamente: perguntem a Jandaíra! Mal eles não poderiam imaginar que eu não estava ali para aparecer e sim para celebrar o meu reencontro ou quem sabe reconciliação com a literatura antes divorciada.

---

<sup>3</sup> SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani. *Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental*. Porto. Alegre: Artmed, 2006. p. 12.

Ah, quantas vezes consegui durante a exposição sobre o Romantismo retornar ao tempo, e, em uma nova leitura de *Diva*, descobrir a beleza das jovens e ricas burguesas suas virtuosidades e pureza. Era imprescindível. E, estudar sobre Castro Alves, que sempre esteve tão perto de mim em Salvador em uma estátua, que presencia de braços abertos apontando para Baía de Todos os Santos e olhando para direção do caminho que leva ao Pelourinho. Talvez ele estivesse pedindo aos céus, bênçãos para os descendentes que tanto povoaram as suas causas escravagistas. Onde eu poderia imaginar que aquela estátua que durante os carnavais é mais um ponto para fotos ou dejetos humanos passaria a ter uma outra conotação na vida daquela não mais menina, mas que adentrava a literatura com o olhar fascinado de quem observa o trabalho das formigas ou o desabrolhar de uma flor.

Ensinar implica, pois, que os educandos, em certo sentido, “penetrando” o discurso do professor, se apropriem da significação profunda do conteúdo sendo ensinado. O ato de ensinar, vivido pelo professor ou professora, vai desdobrando-se, da parte dos educados, no ato de estes conhecerem o ensinado.<sup>4</sup>

Eu não seria mais a mesma após pensar nas negras mulheres e no riso irônico da orquestra estridente do *Navio Negroiro*. Naquele momento, não era o conhecimento pelo conhecimento. Mas a transformação de tudo que havia em mim. Então eu não poderia parar. E logo fiquei atônita com *Vidas Secas*, ao encontrar “pessoas” personagens tão conhecidos em meu cotidiano que retrata a miséria, a fome, a desigualdade e a seca, o que me remete à ideia de que era impossível não gostar de literatura. Eu conhecia aquela realidade. E, ao conhecer Fabiano, nordestino, ignorante, beberrão sucumbido na ignorância de que apenas precisava trabalhar sem questionar o patrão. Aquilo para mim não era tão estranho assim, pois o meu pai tinha sido dispensado de uma multinacional e não quis cobrar os seus direitos, justificando que ovo não briga com pedra, que não devemos fechar a porta, pois um dia poderemos precisar voltar. Mas não estou para criticar meu pai, pois o silêncio de Fabiano era exterior e assim escrevi sobre a voz do silêncio em *Vidas Secas*, algo que depois se tornou um trabalho monográfico. O silêncio de Fabiano era muito produtor e certamente o de meu pai também.

---

<sup>4</sup> FREIRE, 1992, p. 81.

Ao ler *O Quinze*, de Raquel de Queirós, fiz viagens inimagináveis, senti a dureza da terra seca e o sol estridente muitas vezes me fez perder o fôlego. Mas a minha fantasia jamais daria conta do que estava por vir ao descobrir *A Escrava Isaura*, e tamanha foi a magnitude do nosso encontro que escrevi um texto, o qual intitulei *Anjo Negro*, que me fez sentir como Drummond, em *Anjo Torto*.

Quando nasci um anjo negro,  
 Desses que tanto protegeram os escravos me disse:  
 Vai Janda! Desbravar o mundo  
 Função muito difícil para quem é filha da escravidão  
 Minha história me vigia e a pobreza me perseguia  
 A vida não é cor de rosa  
 E exclusão já havia  
 Os ônibus passam cheios de fome, desemprego e marginalização  
 Por que tanta desigualdade meu Deus  
 Pergunta o olhar perdido  
 Porém minha boca  
 Não pergunta nada  
 Tenho medo de repressão  
 O homem de colarinho branco, atrás do volante  
 É sério, convicto e dominador  
 Não precisa fazer quase nada para progredir  
 Meu Deus, por que me abandonaste  
 Se sabias que eu não era da elite  
 Se sabias dos anos de escravidão  
 Vida vida dura vida  
 Se eu me chamasse Isaura  
 Seria personagem de romance, de novela  
 Sofreria por não corresponder a um amor  
 Saberria tocar piano, sentar-me à mesa e escrever poemas  
 Mundo, mundo vasto mundo  
 Mais vasta é a minha desilusão  
 Eu não devia ser assim  
 Mas as escolas, a falta de oportunidades  
 A falta de sonhos, o racismo velado  
 Esta falta de expectativa  
 Esta falta de seriedade, de políticas públicas  
 Não me desviarão da minha missão.

E a minha missão era continuar estudando, fazendo das letras uma forte aliada para criar e compreender as palavras que me revelariam o mundo. Tal mundo que eu via desnudado a cada obra lida. E foi em *O Cortiço* que descobri o quanto o ser humano poderia ser animalizado, colocando os seus desejos à frente de qualquer conceito ou necessidades, como Rita Baiana e Jerônimo em suas investidas amorosas. Ainda escuto os berros de Rita ao dizer que marido é pior do que diabo e eu que tanto pensava em casar. Certamente, não consegui viajar como em tantas outras leituras. Mas tive resistência para continuar assistindo atordoada e, às vezes, enojada, diante de tanta bruteza humana.

Ainda bem que me encontrei com *Policarpo Quaresma* e ri muito com o seu ufanismo. Quantas vezes me imaginei presenciando aqueles discursos inflamados em que exigia o reconhecimento da língua tupi-guarani como sendo a oficial do Brasil. E não foram poucas as vezes que travei com ele discussões acirradas e, é claro, ele venceu. Talvez ele já imaginasse o que estava por vir com o internetês.

Contudo, eu não esperava conhecer o lado canalha de um homem que iludiria uma prima cujo amor tão puro a fez trair o marido por acreditar que estava lutando por um amor da infância. Ah! Maldito *Primo Basílio*, quantos dias amarguei a dor de ver Luísa definhar por ser considerada adúltera e ainda abandonada. Percebi que o meu mundo caiu, veio tudo abaixo, pois também nutria um amor por um primo. Oh! Triste coincidência. Ainda bem que eu não tinha me declarado e havia tempo para desfazer o meu equívoco fraternal. Como eu iria saber sem passar pela experiência, mesmo que fosse através dos livros?

Adquirir saber permite assegurar-se certo domínio do mundo no qual se vive comunicar-se com outros seres e partilhar o mundo com eles, viver certas experiências e, assim, tornar-se maior, mais seguro de si, mais independente. Existem outras maneiras, entretanto, para alcançar os mesmos objetivos. Procurar o saber é instalar-se num certo tio de relação com o mundo; mas existem outros. Assim, a definição do homem enquanto sujeito de saber se confronta a pluralidade das relações que ele mantém com o mundo.<sup>5</sup>

Destarte, ler, para mim, era algo que se confundia com a própria necessidade de viver. E de palavra em palavra eu vou interpretando os mundos, recriando realidades, revelando e digerindo as dores por ora mais incompreensíveis, mas dizíveis apenas pelo uso da palavra. Por isso, na alegria e na dor é a palavra que me sustenta e justifica o meu existir e o sentimento da despedida. Deste modo, na hora mais triste da dor, lancei mão da palavra para denunciá-la e quem sabe exterminá-la e com o auxílio da literatura escrevi:

Querida Mãe, vó, bisa, bunitela.  
Alguns dias se passaram e parece que foi ontem, pois a dor ainda é grande. Sei que um dia terias que retornar para o PAI, como a senhora sempre disse que não ficamos para semente.  
Mas, mesmo diante dos teus 98 anos ainda queria que ficasse mais um pouco, para ouvirmos a tua música preferida leva eu saudade e quantas vezes reclamávamos por não ouvir a TV ou alguma conversa, pois a senhora insistia em cantar ou murmurar, leva eu minha saudade.

---

<sup>5</sup> CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porte Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p. 60.

Hoje passo em frente ao seu quarto e a senhora não está mais lá.  
 Ah, quanta saudade do melhor fígado preparado por mãos tão exigentes.  
 Ah, quanta saudade da senhora sempre com o terço na mão a orar por todos nós.  
 Sei que a senhora já estava entre nós por muito tempo, mas a separação física ainda nos faz sofrer.  
 Quanta dedicação, amor e doação a todos nós, filhos, netos, genro, bisnetos e a todos que se agregaram e carinhosamente a chamavam de vó, voinha, vozinha, bisa e de bunitela.  
 Todas as manhãs são tristes, pois sei que não estás para tomar a nossa bênção e quando chega a noite também não estás.  
 Sei que tomaste o bonde como a senhora dizia, o bonde que não a trará de volta. Sinto um fio de dor que atravessa meu coração, um misto de saudade e tristeza.  
 Ah como eu me lembro dá última vez que nos vimos, quando cheirei o teu pescoço sempre cheiroso e disse: que menina cheirosa e a senhora sorriu para mim.  
 Eu guardarei para sempre aquele perfume indescritível, que já tinha cheiro de despedida e eu não sabia.  
 Hoje ainda é cedo para nos acostumarmos,  
 Mas sei que um dia lembraremos não mais da sua partida, mas de todos os momentos de dedicação, amor, aprendizado, carinho, doação e cuidado que experimentamos na tua presença.

Digo com auxílio da literatura, porque me senti como no Romantismo falando de um amor perdido ou do sentimento da dor latente da morte. Ao aprender as letras, jamais poderia imaginar que elas também me ajudariam a passar por uma dor e conseguir poetizá-la. Conheci a estranha força da palavra. E a estranha birra da palavra também, pois, mais tarde, experienciaria algo curioso de como a palavra é capaz até de autonomamente determinar o estilo e a forma. Falo isto porque teria que cumprir uma tarefa das aulas do professor Remí, no Mestrado. Ele, visando talvez desmistificar a proposta, pediu que registrássemos os conhecimentos em forma de carta pedagógica, memorial ou diário de bordo. E quando me senti à vontade, comecei a escrever o que denominei carta pedagógica. Tão grande foi a independência das palavras que se escolheram para fazer parte da tessitura do meu texto, que ao final já não era uma carta pedagógica. Mas um encontro saltitante e saboroso de palavras que se uniram para criar Jandarilhando. Um neologismo, uma brincadeira com as letras do meu nome Jandaíra e andarilha.

A escolha de andarilha buscava entender, refletir e identificar alguém que tem trilhado muitos caminhos para estudar, buscar conhecimentos e refazer o percurso. E assim nasceu Jandarilhando, que como em uma gestação em que até o nascimento não se sabe o sexo do bebê e após muitas contrações celebramos no

final o nascimento da vida e a escolha do nome, que sem dúvida carrega uma história.

As palavras me escolheram e se impuseram na seguinte construção:

Jandarilhando: carta a uma amiga

Querida amiga Ziara

É numa tarde ensolarada do dia 13 de janeiro do ano de 2010 que distante de todos vocês e lembrando muito de toda a galera lá ilha, sentados embaixo do pé de jamelão da casa de meu pai, após muitos mergulhos naquele mar azul, rindo á toa e matando formigas é que inicio esta prazerosa carta.

Estou em São Leopoldo na EST pela quarta vez depois de muitos contratempos e até problema de saúde, que fez com que eu, mesmo num momento terrível tirasse uma grande lição: As pessoas boas estão sempre dispostas a ajudar, abrindo mão de suas vidas em prol das outras. Mas não te escrevo para falar de coisas tristes, pois a minha alegria é estar aqui com professores tão cheios de títulos e tão simples que possibilitam que tenhamos conhecimentos, sempre nos olhando no mesmo nível e nos acolhendo em cada gesto e a cada dinâmica ou contribuição em suas aulas.

Estou em um quarto olhando pela fresta da janela. Chego a poetizar a minha vida, olhando a beleza das árvores e agradecendo a Deus por tanto encantamento e bênçãos. Emociono-me e tenho que parar um pouco. Pois, tu sabes que eu não queria retornar a EST e lembrar tudo que senti com perda que tive enquanto estava aqui em julho. Pensei que jamais cantaria naquele percurso entre a escada onde recebi a noticia, por você, e a estrada até chegar à casa, que naquele momento era o lugar mais distante.

Entretanto, quando falo em reencantar-me, é porque percebo que Deus tem colocado muita gente como instrumento em minha estada aqui e que as aulas dinamizadas do professor Remí e as palhaçadas de Diana e Neto, não deixam a minha peteca cair. É surpreendente como Remi consegue aglutinar culturas, crenças tão diferentes como a da nossa turma, que tem colegas de cada cantinho do Brasil,dá até para estudar a geografia por suas narrativas e fazer estudo linguístico, devido à diversidade vocabular e de sotaques.

Ah, mas vamos aos conhecimentos abordados em sala de aula, e te aviso que não poderei falar dos primeiros momentos porque entrei na sala e juntamente com outros, fui avisada que não estava na turma e até desfazer o equívoco lá se foi um tempão na secretaria. Mas não perdi o melhor da aula e vou logo avisando não dá para dizer tudo senão vira tese.

Iniciamos com uma apresentação na qual dizíamos os nossos nomes, nossa origem e uma experiência profissional muito interessante para nós: Falei sobre o projeto de música que hoje movimenta a cidade de Gandu e houve muitos relatos legais. Em seguida, a proposta que mais me identifiquei foi quando selecionamos individualmente trecho da “Terceira carta do assassinato do índio Galdino”, escrita por Paulo freire em Pedagogia da indignação. Logo após fizemos uma leitura orquestrada, seguida de pareceres sobre o que cada um sinalizou no texto.

Discutimos que é indignante que apesar de tudo ainda ataquem homossexuais e domésticas por confundirem com prostitutas e analisamos sobre a formação e os valores de pessoas que coisificam as outras e descartam-nas como um objeto que pode ser comprado em qualquer banca. Neste momento lembrei-me o quanto me preocupei em ler muito sobre limites, pois quando estive grávida de João Vítor, imaginava muito não somente que tipo de meio ambiente deixarei para ele. Mas, como eu o deixarei para o meio ambiente e li Limites sem trauma de Tânia Zagury.

Como tenho tentado viver um dia de cada vez, não comecei logo a escrever a carta, mas tenho anotado muitas coisas e é claro sempre no meu note, mas se você me conhece às vezes a carga cai e não consigo salvar. Então sem sofrimento parti para a leitura e fichamento das Primeiras Palavras de Pedagogia da Autonomia, que já li várias vezes e é incrível como tudo que estava lá era novo, pois Remi é sinônimo de ressignificação e como gosto de inventar diria ressemantização. Tal leitura deu-me certeza de que estou no caminho e de que viver sem ética é vegetar. Ah e quanto ao uso do computador descobri que sou info-pobre, mas isto é uma outra história.

Zi, é incrível como temos que ter um novo olhar para as coisa que já vimos, pois o professor exibiu um vídeo sobre uma entrevista de Paulo Freire à Jornalista Paula Bulamarque, que eu já havia assistido. Mas, Remi explicou exatamente o que ele queria encantou-me de tal maneira que com suas palavras, trouxe um pedacinho de um Freire que nunca tinham me apresentado em nenhuma leitura ou exposição na estrada acadêmica que percorri.

É incrível o quanto Freire era literalmente humano e tinha uma relação com Deus que nem Marx o fez desviar. Encantou-me, durante a entrevista, o quanto seus olhos afirmavam que o cansaço físico e talvez o prenúncio da morte não tirasse a sua esperança, a sua vitalidade e a felicidade de estar vivo para presenciar as marchas. Assim, ele sugeria fizéssemos muitas marchas que humanizassem o homem.

Freire descarta a possibilidade de uma educação neutra. Pois, é preciso aprender a ler o mundo e a ler o texto e o seu contexto. Para ele, a leitura vinculada às pratica sociais faz com que as crianças leiam aos 2/3 anos. Pois, para o mesmo, leitura de mundo é uma leitura crítica é diferente de letramento. “Deste modo, quando o operário aprende a ler palavra tijolo ele reflete sobre a s suas condições sociais de trabalho e etc.”. Nesse sentido, concordo com o professor Remi que nos disse: “Freire, foi o maior pedagogo brasileiro”.

Ao chegar em casa já havia feito a escolha da leitura de “Ensinar exige comprometimento”, do livro Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, conforme solicitação do professor Remi. Mas ao longo da leitura na sala, como já conhecia e reli todo o livro á noite, terminei mudando diante da observação da nossa postura durante a exposição do professor Remi.

As nossas intervenções muitas vezes desordenadas fizeram-me optar por “ensinar exige saber escutar”, vez que a nossa tal de modernidade não nos deixa parar sequer para cumprimentar o outro imagine ou ouvi-lo. Por isso, refleti quantas vezes vitimamos o nosso aluno com posturas autoritárias onde eu falo e você escuta. Nesse sentido, agradeço a Deus por me tornar uma constante escutante dos meus alunos, já que sempre acho quem me mande calar a boca ou finge não me escutar. Ah! Ainda bem que Moisés parou a praça para eu ser escutada (risos).

Na aula de hoje fizemos uma dinâmica de circulo e interno externo na qual apresentamos imageticamente os 4 pilares da Educação onde cada dupla elegeu um dos seus desenhos como representatividade de ambas. Em seguida, mudamos de cadeira e julgamos as demais representações que ao final foram expostas no quadro e explicitadas pelos autores. É claro que grande parte já conhecia a temática. Mas Remi mais uma vez fechou de forma magnífica. Ah! Fiquei com Glorinha que dispensa comentários, pois é uma mãezona e tivemos nosso espiral citado como o mais indicado, pelo professor que explicou que o desenho era aberto, como os pilares e não era hermético como algumas sugestões.

Mas Zi, eu prometi não fazer uma tese e vou tentar me acalmar, pois cada palavra que escrevo pronuncio numa euforia como quem escreve uma script para uma peça teatral, vibro, levanto da cama e festejo a alegria de estar aqui, enquanto escuto Nana Caime e produzo é claro. Tu me conheces! (risos).

Após escrever esta carta resolvi neologizá-la de **Jandarilhando**, fazendo uma brincadeira com o meu nome e a minha história de andarilha, que desde os oito anos de idade, quando escolhi o magistério, percorre estradas tão incertas na maioria das vezes, para alcançar o objetivo de ensinar e **co(m)vencer** as pessoas que só a educação pode transformar suas vidas. Sou prova viva da negra menina pobre que quebrou a hierarquia de lavadeira de roupa de ganho, como se diz em nossa terrinha.

Zi, vou terminar com um poema Todo Risco, de Damário da Cruz, que mais define a minha caminhada de vida e acadêmica se bem que penso que é uma só.

A Capacidade arriscar é que nos faz homens,  
 Voo perfeito nos espaço que criamos  
 Ninguém decide sobre os passos que evitamos  
 Certeza de que não somos pássaros e voamos  
 Tristeza de que não vamos por medo dos caminhos  
 É muito bom estar aqui. Obrigada por contribuir tanto  
 Te amo, beijos, nos veremos logo , cuida dos nossos cotocos de gente;  
 João e Guilherme. E dá uma força à Rai.  
 Jandaíra Fernandes da Silva  
 São Leopoldo, 13 de janeiro de 2011.

Após socializar na sala a minha batizada carta pedagógica, fui informada pelo professor de que ela não exemplificava a tipologia por mim nomeada. De susto comecei a pensar que fiz errado e mais uma vez a palavra, agora do professor, que por ora havia me sentenciado acalmou-me ao dizer algo que me fez inferir que o mais importante era o registro, a memória, o nosso conhecimento de mundo o que fazemos com o que ouvimos. Ah, que alívio, eu não seria punida como tantas outras vezes na escola e na vida, por ter cedido ao encanto e ao domínio que as palavras têm sobre mim.

É incrível como buscamos a aprovação do que somos e, às vezes, do que dizemos e eu que me apoio instintivamente na literatura para compreender, para conhecer sociedades, distinguir o céu e terra, bem e mal, naquele momento estava tomada pelo desespero de ter dado muita asa a minha imaginação. Ah, literatura que tem me pregado peças. E com a ansiedade de quem procura a saída de um labirinto deixei aquela aula preenchida de um sentimento de missão cumprida e de que por ora aquele texto era o meu *best seller*. E com os olhos de um leitor adolescente, pus-me a concluir que todos que conhecem as letras sabem escrever, mas a dificuldade incide em fazê-la, deleitando-se de forma convidativa, fulgente e conexas.

A educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história. E aqui devemos ser todos sujeitos, solidários esta tarefa conjunta, único caminho para a construção de uma sociedade na qual



não existirão mais exploradores e explorados, dominantes doando sua palavra opressora a dominados.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> SEVERINO *apud* FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982. p. 8.

## 2 (J)ANDARILHANDO NO MUNDO DA LITERATURA: UMA LUTA PELA ARTE

*“O reverso da medalha é que não poderei gostar ou não desgostar de algo ou de alguém que não conheço”.*

(Fernando Becker)

Outro dia estava em uma sala aula tentando corrigir uma atividade de produção textual e insistentemente o meu olhar focava sobre uma aluna, que no fundo da sala se esgueirava para esconder o seu delito. Ela fingia corrigir a atividade e espichando-se na cadeira lia vorazmente um livro escondido dentro do caderno. Era incômoda a aflição da menina que, muitas vezes tomada pela emoção da leitura, revelava no seu rosto as cenas imagetivamente vivenciadas. Era engraçado vê-la sorrindo, mordendo os lábios e, com o caderno aberto na altura do rosto, lutando para não ser delatada. Em meio a toda agonia, resolvi parar a correção e perguntei-lhe o que ela estava lendo e ela de pronto pediu desculpas, porque não conseguia parar, pois estava louca para ver o final e desatou a contar sobre o livro e todos nós fomos enfeitiçados pela magia daquela menina, que avançava noites e burlava os olhares até dos professores mais impiedosos para continuar aquela viagem através daquela literatura. O horário tocou e saímos curiosos para adentrarmos aquele mundo descrito por ela e em lugar da atividade sugeri que a mesma escrevesse por e-mail motivações, sensações e sentimentos que a fazem ler. E ela de pronto disse que adorou a ideia. Foi incrível a experiência de ler o que aquela menina postou e que dizia:

Ao lermos um livro temos a impressão de que estamos narrando a história ou estamos vivendo aquilo, é algo que nos dá prazer cada vez mais a curiosidade no que irá acontecer com os personagens, a adrenalina de cada acontecimento junta tudo como se fosse uma bomba cheia de sensações prestes a explodir a qualquer hora. No momento em que estou lendo parece que tudo ao meu redor não existe ou como se desse uma pausa no mundo ao meu redor que somente o livro permanecesse, a cada página lida é como se estivéssemos entrando no livro cada vez mais vivendo aquela história maravilhosa. Aquela conversa que ler ajuda na leitura e que incentiva o aluno realmente é verdade, mas as pessoas que relatam isso esquecem o principal motivo da leitura, como você se sente bem, é como um psicólogo que ao conversar com ele você sente uma tranquilidade dentro de si é como se os seus problemas que o atormentam desaparecessem automaticamente e só o livro seria o seu real objetivo. Se todos tivessem o interesse de pelo menos tirar um minutinho daquele dia que está chato e lessem um livro por menor que seja, a leitura é como um grão que ao se plantar cresce aos poucos e vai crescendo cada vez mais como se não parasse. No começo já é um ótimo passo, depois daí não tem aquele que diga me arrependi. Hoje eu digo odiava pegar um livro para ler,

pra mim era a maior eternidade para acabar, mesmo assim continuei a ler e hoje se alguém perguntar se me arrependo respondo com maior certeza de maneira nenhuma, pois só imaginar nas risadas, nas lágrimas, no medo, na curiosidade que ler me oferece já me dá vontade de ler mais um livro. É como se eu não fosse Danielle Borges. (Como é bom ler) (risadas).<sup>7</sup>

Fiquei lendo aquelas palavras como quem degustava o sabor da juventude e ria a cada decodificação e ao mesmo tempo agradecia a Deus por não a ter tolhido da degustação, embora o momento anterior fosse da correção de uma atividade de produção textual, quanto tinha para nos ensinar aquela jovem prestes a ser delatada por ter cedido à atração daquele livro. É incrível como, às vezes, os jovens são subestimados e quantos seguem com a imagem de que são desinteressados, quando naquele momento ele pode estar focado em algo que realmente faz sentido para ele.

Nesse contexto, acredito que é preciso oportunizar leituras com as quais os jovens se sintam motivados a construir novos mundos, pois insistir no discurso de que o aluno não gosta de ler em nada vai nos ajudar a torná-los leitores. A leitura de certa forma também faz com que jovem crie o seu jeito próprio de ver o mundo, pois a cada história o leitor vai adentrando em novos mundos, novas situações capazes de fazê-lo anteciper decisões que no mundo real, sem as simulações vivenciadas durante as leituras, provavelmente não saberiam tomar. Assim, cada leitura deve despertar novos olhares, desvelar novos horizontes, possibilitando a cada jovem a formação de um adulto leitor. Para tal, a leitura tem que fazer sentido para quem lê. Nesse sentido, o papel do educador deve ser também o de orientar a escolha e oferecer variedades para que o educando não se sinta obrigado a seguir uma linha apenas para cumprir normas e orientações programadas.

Em se tratando da literatura, o que está em jogo na vida do jovem leitor é o respeito pelo direito de ele tornar-se um escritor, que muitas vezes tem seu talento abortado por práticas que em nada contribuem para a sua formação técnica e o desenvolvimento da habilidade. Tanto é que são comuns depoimentos de alunos que dizem terem sido bons leitores na infância. Provavelmente no referido período a literatura era mais convidativa, atrativa e sem o compromisso de convencer. Mas apenas ser lida.

---

<sup>7</sup> Estudante da escola em que a autora do presente trabalho realiza sua função profissional como docente. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <jandairaf@yahoo.com.br> em 25 ago. 2010.

As letras estão em toda parte por onde quer que vamos. É possível criarmos bons leitores na sala de aula, pois basta observarmos o quanto os alunos comentam sobre resumos de novelas, lidos em sites e sobre a vida de celebridades, postadas em comunidades virtuais. Os alunos leem sobre vários assuntos do seu interesse, o que me faz inferir que a rejeição à literatura e à leitura na escola está pautada na seleção dos textos. Algo que também merece atenção é que os alunos, ao serem questionados se gostam de ler, respondem que não. Entretanto, não é novidade se ver bastantes alunos no pátio da escola, onde trabalham, por exemplo, lendo as revistas *teens* e a disputa é acirrada. Por isso, acredito que precisamos criar meios de tornar a leitura dos clássicos algo também prazeroso. Entretanto, enquanto ao aluno for oferecida uma literatura cuja utilidade será a vida do autor, o contexto social e político da obra e alguns comentários sobre as partes mais importantes, na visão do professor, provavelmente continuaremos nos queixando nas reuniões de Atividades Complementares (AC). E mais uma vez retorno à sala de aula para fixar minhas ideias nesta direção. Pois lembro-me de um aluno que sempre era visto na biblioteca e em um dos nossos bate-papos, no qual falávamos da magia da leitura, pedi que ele dissesse porque gostava de ler. E ele postou em minha página de recados de uma comunidade virtual o seguinte comentário:

[...] Quando começo a ler o mundo fica mais bonito e interessante (em alguns casos) tudo muda é como borboletas passeando pela mente. É tudo mágico, intrigante, o bom é que nem tudo precisa ter um porquê. É só seguir a trilha. Sabe a sensação de mergulhar e ficar lá embaixo, e o melhor é que a gente não se afoga. É sempre bom pensar que aquilo que tá escrito vai acontecer, *por mais que saiba que é ficção, não custa nada se perder um pouco em tudo isso, afinal de contas é um mundo que tá tão perto, pelo menos é o que parece. Porém quando eu termino a leitura e o mundo parece caótico, eu leio e é como viajar para um mundo transcendental e que muitas vezes se parece com coisas que se vive. Então quando tudo se quebra... eu leio.*<sup>8</sup>

Diante daquele relato, percebi o quanto é importante que o professor faça um trabalho de formiguinha e a cada dia supere as dificuldades que aparecem ao tentar inserir o educando no mundo da literatura, pois para formarmos bons leitores teremos que agir como advogados, que em defesa da sua tese procuram conhecer tudo que envolve o universo da sua defesa ou acusação. É claro que a cultura letrada não gira somente em torno dos livros como há muito tempo. A tecnologia e a

---

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Gabriel. Mensagem postada em minha página na internet.

TV têm colocado o jovem cada vez mais no mundo das imagens. Precisamos colocá-los frente à literatura com o desejo e o prazer de quem assiste a um bom programa de televisão ou navega na internet. A literatura precisa ter sentido para o aprendiz.

Mas, enquanto a escola é mais uma força de conservação do que de um instrumento de liberação, enraizada como está na cultura tradicional, a literatura é um fenômeno, vário e complexo, de raízes múltiplas, ou em que intervêm fatores os mais diversos, dentro, certamente, dos quadros socioculturais, e tende, por isso, a desenvolver-se, na variedade de suas manifestações, fora da órbita de influência da educação sistemática e organizada.<sup>9</sup>

Entretanto, ainda encontro relatos de professores que têm a boa vontade de promover mudanças nas suas práticas para que a literatura se torne mais atraente. Pois há pouco tempo fui surpreendida por uma colega que me mostrou no corredor da escola, área de grande visibilidade dos alunos, um cartaz que propagava a importância de ler *Quem mexeu no meu queijo*. A atividade foi proposta pela referida professora, que culminou em postagem no *blog* da escola. Então, não podemos dizer que não tem havido inovações. Entretanto, é tão histórica e forte a cultura de educação bancária, que ainda não ocorreu um movimento para formarmos leitores e principalmente de obras clássicas.

Na maioria das vezes, há uma rotina exaustiva de atividades que cobram dos alunos a biografia do autor, a escola literária, o foco narrativo das obras indicadas, fazendo com que o essencial da leitura fique em segundo plano. E não há como se esquecer das obras que já trazem encartes de questionários que direcionam e limitam o entendimento do jovem leitor, que tendo que estar atento aos pormenores pré-concebidos, nas bulas de leitura, perde a liberdade e a possibilidade de alçar voos a partir do que está sendo lido, pois a leitura deve proporcionar ao leitor momentos de encontros, desencontros, negação, afirmação busca de identificação, introspecção e um certo sentimento de disputa entre o autor e o leitor. A exaltação dos ânimos a cada capítulo e um contentamento ou descontentamento também devem fazer parte das reações de um leitor que, ao final da batalha, dá a ele o êxtase de ter coexistido com a história. O acesso do aluno no mundo da

---

<sup>9</sup> COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 17. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 202.

literatura não pode se resumir ao cumprimento da leitura de uma lista pré-estabelecida por programas cobrados por vestibulares.

Todavia, a atitude, simultaneamente crítica e ética, transita por reflexões de natureza teórica, visto que o posicionamento contraditório da escola em face da literatura decorre de equívocos conceituais que podem ser exemplificados pela compreensão de que o texto literário é um objeto de estudo antes de ser objeto de uma experiência pessoal e intransferível.<sup>10</sup>

Outro ponto que vale ressaltar recai sobre a formação dos professores de Língua Portuguesa e Literatura, cuja herança teórico-metodológica tem sido propagada ano após ano, tornando difícil romper a barreira da literatura xarope, presente no cotidiano escolar dos jovens que, na maioria das vezes, têm acesso à literatura no Ensino Fundamental, por serem oriundos de famílias não letradas. Assim, não é de se assustar que mesmo jovens professores saiam da maioria dos cursos de Letras reproduzindo os mesmos modelos de aula os quais priorizam a anatomia da obra que, por assim dizer, mais parece com o trabalho de um legista que, farejando os detalhes da cena, busca compreender história, desvendar mistério e delinear o autor, desmistificando-o. Então como formar um bom leitor, incentivando e motivando-o, partindo de práticas tão pouco convincentes? É, esta resposta nos dirige, diante do exposto a uma negativa, pois os jovens que gostam de ler certamente na infância, suponho, não devem ter escutado historinhas infantis dos seus pais, sendo inquiridos sobre o conteúdo ou coisa parecida. E, também, não devem ter sido obrigados a ficar acordado preenchendo fichas sobre as obras. É, toda e qualquer criança gosta de ler e ouvir historinhas, descobrir algo novo, desvendar mistérios. E a cada página, olhos, ouvidos e toda emoção são dedicados à aventura do leitor. Assim, ao observar os meus filhos de João Vítor e Guilherme, de 7 e 4 anos, respectivamente, chegando da escola com os livros de historinhas, presos aos dedos ou embaixo dos braços gritando estridentemente para que eu adivinhe quais os livros que eles trouxeram, tenho a certeza de que toda criança deve ter o direito de ler. E a festa não pára enquanto, com a mochila despejada no chão da sala, não desvendamos histórias contidas nas letras e imagens exibidas naquelas páginas que revelam um mundo encantador e maravilhoso.

---

<sup>10</sup> ASSMANN SARAIVA, 2006, p. 28.

Entretanto, as nossas práticas pedagógicas nos afastam até dos jovens que foram crianças leitoras. E a literatura vai ficando à mercê dos que, tateando, vão criando maneiras de colocar os educandos no mundo das letras.

A literatura só vive e resiste pelos seus leitores, que retiram dela através dos tempos as sensações de estusias que ela pode proporcionar se bem fruída. Assim, no ensino literário o que impõe é apontar o caminho que os jovens terão de seguir para retirar da literatura o máximo proveito. Não ensinar história ou catálogo de nomes e obras. Mas ler as obras. Um número reduzido de obras representativas de autores, gêneros, épocas. [...] É a leitura inteligente das obras-primas que constituem o acervo da cultura literária ocidental. É o que se entende por primado do texto, como foi dito, regra de ouro do ensino de letras. O texto é diretamente absorvido, e vez do estudo através de antologias e manuais de literatura ou história literária. É muito comum encontrarem-se diplomados em letras que nunca leram obras literárias fundamentais, no estudo e meditação das quais das quais é que se aprende literatura, e não em livros de teoria e história, desajudado da lição viva dos textos. [...] A leitura dos grandes livros coloca-nos em mão o universo. É a figura do homem que perpassa a nossos olhos, muita vez perplexos. É maior lição para sentir e pensar. E para penetrar o desconhecido. São a maior fonte civilizadora.<sup>11</sup>

A democratização da leitura também pode ser um caminho para começarmos a investir na formação de leitores assíduos e não apenas acidentais e quem sabe assim vamos contagiando as famílias e cada vez mais crianças podem ser criadas em ambientes de leitura transformando-se em jovens leitores. E assim não teremos que escutar os alunos dizerem que não gostam de ler, como se apenas na escola ele tivesse que ler e de forma impositiva. Nesse sentido, incluso a literatura, pois, na maioria das vezes, muitos fatores, inclusive o preço, impedem o aluno de conhecer bons livros e na maioria das vezes somente nas salas de aula é que os mesmos são apresentados. Nesse contexto, nem sempre ocorre uma relação de amor à primeira vista ou à primeira lida, melhor dizendo. E, promover uma relação sem afinidades ou sem indícios de simpatia pelo menos, torna-se quase impossível sem varinha de condão. E como podemos formar escritores se nem leitores conseguimos ter? É esta é uma incógnita que só sendo um James Bond para desvendar este mistério. Mas, brincadeiras à parte, na educação não dá para brincar de detetive. É preciso promover ações que legitimem a importância da literatura para os jovens.

Mas se passearmos um pouco pela história da literatura na escola, vamos perceber que há uma série de equívocos cometidos ao longo dos tempos. Pois, se

---

<sup>11</sup> COUTINHO, 2004, p. 216-218.

bem lembrarmos, a literatura foi tomada inicialmente como um padrão a ser seguido por quem almejava um cargo público. Assim, a erudição e a estilística encontravam no ensino de textos estanques e analisados hermeticamente modelos de regras, inclusive gramaticais, que deveriam ser seguidas à risca, uma vez que exemplificava, indubitavelmente, o modelo de grafia e construções a serem adotadas. Assim, não havia espaço para uma análise mais subjetiva e atraente da obra. E, por conseguinte, as características e o perfil dos escritores também não podiam ser deixados de lado. Entretanto, mais tarde, o espírito da nacionalidade passou a ser o alvo e mais uma vez a literatura estava fadada a reproduzir na sala de aula o arcabouço cultural da nação. Tal equívoco legou à escola a função de ensinar uma literatura que focalizasse as características peculiares a um estilo literário e por vezes a caracteres preconizados como superiores por pertencer a autores de prestígio. Nesse sentido, aos alunos não restava alternativa senão conhecer as obras apenas para identificá-las e classificá-las em escolas literárias e formas. E, assim, o real sabor da literatura ficava cada vez mais distante das salas de aula. O incrível é que ainda hoje continuamos repetindo o modelo de aulas que priorizam a historiografia, a vida e obra de autores e quiçá fragmentos de algumas obras. E, é claro, a função de formar cidadãos, divertir, simular e/ou apresentar realidades que propiciam aos leitores um posicionamento diante de situações vividas por ele, jamais serão experimentadas por jovens que são vitimados por modelos clássicos de ensino da literatura no Ensino Fundamental e Médio.

A disciplina, um dos pilares da formação burguesa humanista, sempre gozou de status privilegiado ante as outras, dada a tradição letrada de uma elite que comandava os destinos da nação. A Literatura era tão valorizada que chegou mesmo a ser tomada como sinal distintivo de cultura.<sup>12</sup>

E, por falar em ensino médio, o PCNEM, diz que ele deve assegurar ao estudante a formação básica para o prosseguimento dos estudos, para inserção no mundo do trabalho e para o exercício cotidiano da cidadania, em sintonia com as necessidades sociopolíticas de seu tempo. Entretanto, o que vemos é a usurpação deste direito dos estudantes, uma vez que muitos alunos saem despreparados, nem ingressam no mundo trabalho, nem conseguem cumprir bem ao que se têm proposto que é a aprovação em vestibulares. Pois, mesmo estudando os livros

---

<sup>12</sup> BRASIL. Ministério da Cultura. *Orientações curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC, 2006. p. 50.



prescritos por universidades durante anos, eles ainda precisam de cursinhos para rever os conteúdos de literatura. Então, é notório que o Ensino Médio está bem longe de prover o exercício da tão sonhada cidadania e promover o amadurecimento do aluno.

E nisso reside sua função maior no quadro do ensino médio: pensada (a literatura) dessa forma, ela pode ser um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, proporcionando um convívio com um domínio cuja principal característica é o exercício da liberdade. Daí, favorecer-lhe o desenvolvimento de um comportamento mais preconceituoso diante do mundo.<sup>13</sup>

Sem dúvida, fazer arte é necessário para manter o mundo em um movimento de sensibilidade, de compreensão do outro e da existência das pessoas e das coisas. Privar o jovem da literatura é negar a ele a possibilidade de contestar a realidade, resistir às imposições e argumentar com as pseudo-verdades, vivenciadas muitas vezes nos livros. É claro que na literatura não está a resposta para os vazios juvenis, para as crises existenciais, para a violência e para os arroubos da juventude e até a crise de valores a que a sociedade tem assistido, mas a literatura nos torna um pouco inquisidores da própria vida e do que nos cerca. Pois ler liberta o ser humano e o torna capaz de falar e de silenciar.

Mas, como lutar contra o marasmo das aulas de literatura e libertar os alunos do fardo de reproduzir categoricamente as informações que os livros, agora volume único, trazem da literatura? E ainda como se não bastasse a forma hermética dos conteúdos, autores de livros didáticos insistem em apresentar ao aluno fragmentos de obras que, atreladas ao contexto social e histórico da mesma, em pouco ou nada contribuem para despertar no jovem leitor o interesse pela arte literária. Pois:

Literatura é “linguagem carregada de significado”, “grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível, tornando-se uma novidade que permanece” [Ezra, Pound, escritor norte-americano]. Por essa razão, até hoje se lêem obras como *A Ilíada*, de Homero, *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, *Os Lusíadas*, de Camões, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis entre outras.<sup>14</sup>

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio norteiam que a literatura deva formar alunos cidadãos do mundo, críticos, capazes de gerir situações

<sup>13</sup> OSAKAB *apud* BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 2000. p. 50.

<sup>14</sup> PORTUGUÊS: Projetos. São Paulo: Ática, 2005.

distintas, em qualquer esfera e ordem pessoal ou profissional. Assim sendo, a literatura deve oportunizar ao aluno conhecimentos que certamente auxiliem no progresso do ser humano enquanto sujeito atuante no meio em que vive. Ao ler um livro, o leitor tem contato com situações de horror, tristeza, medo, valores e contra-valores. E, na maioria das vezes, o seu universo pode ser bem diferente ou contraditório ao exposto. Por isso, tais cenas o fazem criar opiniões sobre as mesmas. Assim, abrem-se janelas de informações e sentimentos que talvez na vida real o leitor ainda não tenha vivenciado. Nesse ínterim, o ensino da literatura precisa livrar-se das amarras de arquétipos passados, cujas atividades pressionam professores e alunos a cumprirem programas que culminarão na formação de jovens enfadados, desmotivados a seguirem pela vida escolar tendo a iniciativa de escolher um livro e ler apenas pelo valor estético ou movido pela curiosidade da descoberta.

É evidente que há uma legião de jovens que nunca leram um livro por prazer e, pior ainda, tenho relatos de alunos que, mesmo no Ensino Médio, dizem nunca terem lido um livro e nem por obrigação. E acrescentam que odeiam ou coisa do tipo. E, se tomarmos como exemplo alguns alunos do curso noturno, muitos dizem que preferem perder tal disciplina a ter que ler um livro. Assim, não é de se estranhar que eles tenham tanta dificuldade para questionar, opinar, criticar e até desenvolver oralmente alguma temática. Lembro-me do dia em que fui abordada por um aluno que me perguntou se eu não tinha medo de ficar doida e que sentia agonia só de imaginar que eu lia tanto. Todo estardalhaço foi porque deixei sobre a mesa da sala de aula o livro de Jorge Amado, *Capitães de Areia*. O aluno olhou-me estranhamente e proferiu um “Deus é mais”, como se eu o tivesse afrontado com a resposta de que adorava ler, e o livro denso foi devolvido à mesa como se causasse naquele jovem um sentimento de pavor, do contágio que aquele meu vício lhe poderia acometer. Mas a minha observação em nada almeja apresentar tais jovens como algozes que provocam a morte da literatura. Porém, visa chamar atenção para a pseudo-formação dos jovens que concluem o Ensino Médio e principalmente para a usurpação do seu direito à cidadania e a formação de sujeitos proativos.

A literatura “como um meio de educação da sensibilidade; como meio de atingir um conhecimento tão importante quanto o científico”, pois pela literatura o aluno em pleno exercício de liberdade trabalha sua criatividade,

seu cognitivo, a percepção dentre outros aspectos ligados ao seu crescimento pessoal.<sup>15</sup>

Mas há professores que também têm aversão à literatura, embora tenham licenciatura em Letras e estejam lecionando Língua Portuguesa. E, por mais que eu tenha ouvido muita coisa a respeito, surpreendi-me quando fui procurada por uma professora às vésperas de um concurso público, pois a sua maior dificuldade e até medo, como a mesma disse, eram os conhecimentos de literatura, pois atravessou todo o curso sem ter lido sequer uma obra completa. E não resisti à curiosidade de saber como ela conseguiu e ela respondeu rapidamente que foi por meio de resumos e fragmentos que a mesma cumpriu as atividades propostas. Aí ponho-me a pensar quais oportunidades são dadas aos alunos dela, uma vez que a própria diz não suportar literatura e ter muita dificuldade para produzir textos, que se transformam em verdadeiros vilões na sua tentativa de ser aprovada em uma seleção pública.

De início, encarei o relato da professora com certa estranheza. Mas ao citar tais dificuldades em uma conversa informal entre colegas da área, chegamos à conclusão de que não são tão raros estes acontecimentos. Pois muitos professores passam a ensinar Literatura por estar inserida na disciplina de Língua Portuguesa e, depois da redução da carga horária da disciplina devido aos cursos técnicos, menos chances ainda terão os alunos dos referidos cursos. E, por conseguinte, menos tempo ainda será dedicado pelos professores para se aprofundarem no preparo diário de suas aulas, já que têm que dar aulas de diferentes disciplinas para complementarem a carga horária.

Contrariamente ao que ocorreu com a alfabetização, que vem se ampliando cada vez mais, a leitura de Literatura tem-se tornado cada vez mais rarefeita no âmbito escolar, como bem observou Regina Zilberman [...], seja porque diluída em meio aos vários tipos de discursos ou de textos, seja porque tem sido substituídas por resumos, compilações, etc. Por isso, faz-se necessário e urgente o letramento literário: empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela experiência literária.<sup>16</sup>

Nesse contexto, coloco-me no cenário desta atuação, pois, enquanto professora, observo que urge que tenhamos ações mais efetivas nas nossas aulas.

---

<sup>15</sup> BRASIL, 2000, p. 52.

<sup>16</sup> BRASIL, 2000, p. 55.

É claro que não existe metodologia que surtirá efeito imediato e que terá o mesmo resultado em todas as turmas. Do mesmo modo, também não vamos encontrar nenhum manual de ensino-aprendizagem que torne alunos e professores leitores assíduos de obras. Entretanto é preciso investir na formação de educadores que assumam posturas de cientistas que testam métodos sem medo de errar, empreendendo todo esforço necessário à busca do remédio ou da cura. E, como o cientista, não se pode desistir na primeira resposta negativa. Infelizmente, devido às poucas aulas dispensadas à Literatura, a metodologia mais usual é a de exposição por muitas vezes não dialogada dos assuntos, que em muito contribui apenas para que os alunos tenham aversão à matéria. E um convite para ir à biblioteca muitas vezes é motivo de muito aborrecimento e frustrações por parte de educandos e educadores. Isto, quando o espaço reservado à biblioteca não está sendo usado como despensa, enquanto muitos livros são entulhados na escola.

Convém acrescentar que a minha militância não tem o intuito de banir da sala de aula a análise objetiva das obras literárias, mas fazer valer o ensino da Literatura arte, que libera sentimentos, que apaixona, faz fluir a beleza da vida traduzida em palavras. À literatura, não pode ser dada apenas a função de estudo do estilo, da linguagem e da forma. Pois insistir nos modelos clássicos de aulas é também usá-la como pretexto para ensino de uma variação padrão da língua, motivadora de uma dicotomia que hierarquiza a supremacia da elite pelo uso culto da língua. Então já que estamos na luta para promover a igualdade de direitos a todos, não vamos usar do vale-tudo, para que no ringue seja decidido o destino da literatura arte que por ora lhes resta apenas gritar *tu-chê* e admitir que foi alvejada por professores que persistem na prática tradicional de ensiná-la. Mas, esgrimas à parte, é preciso reprogramar as aulas que têm dado maior ênfase à identificação de pormenores das obras e memorização de características e contextos históricos destas. À escola, cabe agora formar cidadãos mais independentes, capazes de criar seus próprios conceitos e selecionar, em um universo de informações, os conhecimentos mais úteis às suas escolhas pessoais e profissionais. Porquanto, extinguir as aulas de literatura, já que as mesmas não instrumentalizam os alunos para os vestibulares, nem contribuem para a formação de cidadãos leitores, nem é a saída para o impasse. O que devemos é propiciar aos educandos aulas mais atrativas e provavelmente mais lúdicas, uma vez que arte e a ludicidade caminham

juntas. Portanto, é quase inimaginável alguém com um manual de instrução, diante de um quadro, uma pintura, uma escultura ou até um vaso de flores disposto sobre a mesa, por uma dona de casa, visando contemplá-los. De tal modo, sendo a Literatura também uma arte, não depende de manual para entendê-la.

Para muitos escritores e estudiosos, a literatura é uma de conhecimento do mundo e do ser humano; ela permite ao leitor entrar em contato com realidades culturais diferentes no tempo e no espaço, contribuindo também para que ele se conheça melhor. Há quem acredite que a obra literária vale pelo que ele é – a Arte pela Arte –, não importando como o leitor vai interpretá-la. De acordo com essa concepção, a literatura está desvinculada de qualquer aspecto político, econômico ou social. A literatura também é vista como um instrumento político: só tem valor a obra que contribui para a transformação da realidade social. Opõe-se frontalmente aos defensores da concepção anterior.<sup>17</sup>

Assim sendo, não é muito compreensível continuar pautando o ensino da Literatura em padrões clássicos, alegando que o aluno carece desenvolver algumas habilidades e competências. Para compreender a arte, é preciso estar aberto a ela. Por isso, parece que a função do professor em relação à arte literária deve ser a de motivar o aluno para que ele deseje conhecê-la.

---

<sup>17</sup> PORTUGUÊS, 2005.

### 3 (J)ANDARILHANDO NA SALA DE AULA: UM PRÁTICA PEDAGÓGICA

Ao me tornar professora formada, penso que já trazia dentro de mim uma vontade quase que vital de contribuir com a minha prática para a melhoria da condição intelectual e financeira de minha família. E, no percurso do meu exercício, tornei missão fazer as pessoas acreditarem que só por meio da educação teremos uma vida melhor e, por conseguinte, um mundo também menos desigual. Eu realmente acredito que a educação promove mudanças na nossa vida e que tudo podemos ser se tivermos conhecimento. E assim, costumo dizer que o que nos iguala é saber transitar em qualquer território e principalmente saber falar a língua do colonizador. Pois, de nada adianta reclamar da pobreza e da desigualdade social, se nos acostumarmos apenas com o assistencialismo. É preciso promover pequenas mudanças que somadas terão transformado a sociedade e legitimado o ser cidadão do mundo. Estas pequenas mudanças, sem dúvida, começam na educação de qualidade para todos, de fato e de direito.

Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. A acomodação em mim é apenas caminho para inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que os fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora distante mundo, alheado de nós e dele.<sup>18</sup>

Houve um período em que bastava saber o nome dos alunos, o conteúdo, ter domínio de classe (disciplina), ser pontual, assídua e assim estava a receita para ser considerada uma profissional competente. Mas, na atual conjuntura, não há mais espaço para o professor que chegava em sala de aula com seu caderno de planejamento, o diário de classe e o giz, para monologar expositivamente seus conhecimentos. O mundo mudou, a globalização derrubou fronteiras inclusive de informações, e os conhecimentos estão acessíveis a qualquer toque digital. Assim, não há mais espaço para os professores detentores de conhecimento, em que o aluno é apenas espectador.

---

<sup>18</sup> FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 86.

Entretanto, alguns insistem em querer dar as mesmas aulas expositivas sem dar ao aluno o direito de participar inter-relacionando-se com o saber a ser adquirido e com o que os colegas pensam sobre o assunto.

Mas o professor não é um vilão. O que sinto é uma crise de identidade profissional, em que o professor precisa adequar sua prática em sala de aula, tornando-a participativa, investigativa, motivadora e, ao mesmo tempo, tem que investir na sua formação acadêmica, para também manter-se no mercado de trabalho.

Por isso é que, na formação permanente dos professores o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.<sup>19</sup>

Entretanto, esta não deve ser uma motivação negativa para a baixa qualificação do professor. Ele precisa estar atento a todas as oportunidades para sua ascensão pessoal e profissional. O aluno tem curiosidades que, expostas ao professor despreparado, soam como um insulto ou incômodo ao seu conhecimento estanque e obsoleto. Assim, o professor precisa estar instrumentalizado para criar situações de aprendizagem, capazes de por si só nortear o aprendiz.

Nesse contexto, o professor é muito mais um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. O aluno precisa construir e reconstruir conhecimento a partir do que faz. Para isso o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos.<sup>20</sup>

Por isso, acredito que a educação precisa ser pensada não só na estrutura física da escola ou na condição do aluno, mas na motivação do professor, que lida com situações adversas e poucas vezes tem o seu trabalho reconhecido. E, ainda por cima, o profissional que busca investir na formação paga um preço altíssimo, sendo muitas vezes punido ou perseguido por colegas e gestores que o desencorajam. Assim, são muitas as vezes em que só a resiliência explica a não desistência de alguns, na formação continuada e que, no meu caso, o aluno tem sido o meu combustível diário.

---

<sup>19</sup> FREIRE, 2001, p. 43-44.

<sup>20</sup> GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003. p. 16.

Para mim, não há maior recompensa do que ao final da aula, mesmo que não sejam todas, escutá-los dizer que adoraram, “foi massa”, “valeu”, ou coisa do tipo, celebrando a prática daquele dia. Nesse contexto, acredito que é preciso investir mais em uma educação inclusiva em que o professor esteja inserido no processo de legitimação do direito a ter conhecimento e fazer parte de um sistema, cuja educação seja libertadora, automotivada e capaz de promover mudanças eficazes no cenário educacional e na sociedade como um todo.

No contexto atual, podemos identificar e confrontar duas concepções opostas de profissão docente: a concepção neoliberal e a concepção emancipadora. A primeira, amplamente dominante hoje, concebe o professor como um profissional lecionador, avaliado individualmente e isolado na profissão (visão individualista); a segunda considera o docente como um profissional do sentido, um organizador da aprendizagem (visão social), uma liderança, um sujeito político.<sup>21</sup>

Diante do supracitado, acredito que o professor tem que ser um organizador da aprendizagem no sentido de tentar fazer o melhor em sala de aula na busca de tornar o educando um ser pensante, crítico, um sujeito do conhecimento. Nesse contexto, logo que comecei a dar aula de literatura na Escola Elizeu Leal, nas turmas do 2º ano do Ensino Médio, pude notar o quanto os alunos não gostavam de ler os livros clássicos, nem assistir às aulas. Isto era perceptível pela pouca participação nas aulas e pelos resultados nas avaliações. Mas, ao participar das reuniões de atividades pedagógicas, percebia as mesmas queixas dos colegas, que diziam que os alunos não liam as indicações bibliográficas, geralmente contidas no programa para atender aos vestibulares. Era impressionante porque ano após ano a queixa é a mesma e o déficit de aprendizagem também. Nesse sentido, resolvemos, juntamente com a coordenação de uma colega que também estava em sala de aula, montar uma gincana a qual, dentre muitas tarefas, incluía responder questões concernentes a obras literárias e às escolas às quais pertencem. A culminância da gincana acontecia em praça pública e o ponto mais alto eram as apresentações teatrais inclusive e cenas dos referidos livros, entregues com bastante antecedência.

A gincana era um sucesso, mas muitos anos se sucederam com a nossa constatação de que as atividades que envolviam conhecimento de literatura eram um fiasco. Assim, resolvemos incrementar a gincana com um programa de rádio, no

---

<sup>21</sup> GADOTTI, 2003, p. 26.



qual os alunos tinham que dramatizar cenas dos romances e fazer *jingles* dos mesmos. Foi um alvoroço total durante os intervalos. Entretanto, eram perceptíveis os recortes feitos pelos alunos, que criavam os textos a partir de resumos.

Após o término das gincanas, as aulas continuavam as mesmas, sempre focadas no vestibular, e era notório o pouco incentivo para que os alunos se tornassem leitores assíduos.

Não há sujeito de saber e não há saber senão em uma certa relação com o mundo, que vem a ser, ao mesmo tempo e por isso mesmo, uma relação com o saber. Essa relação com o mundo é também relação consigo mesmo e relação com os outros. Implica uma forma de atividade e, acrescentarei, uma relação com a linguagem e uma relação com o tempo.<sup>22</sup>

Atônita diante de um cenário que não era tão estranho, logo constatei que mesmo com Licenciatura em Letras existia uma barreira quase que intransponível entre aprender e o prazer de aprender. Tudo voltava à tona, eu que vitimada nos idos da minha relação com a literatura parecia abduzida por uma prática que não condizia com o meu jeito de ser-fazer “aprenderensinar” ou “ensinaraprender”. E logo pensei como salvar-me e salvar aquelas alminhas condenadas a sacrificar a literatura em sinal das boas-vindas dos vestibulares, ressuscitados e reencarnados a cada semestre. Mas alimentados diuturnamente com a morte da literatura. De longe, tal descrição assemelha-se a um dramalhão mexicano talvez. Entretanto, ao fazer uma breve digressão, é para clarificar que não é o vestibular que me incomoda. Mas o destino traçado à literatura para que se chegue ao eldorado e quantos escritores teremos matado antes do seu nascimento. Eu que fui reanimada após o meu leito de morte, temo pelos que poderão não encontrar reanimadores. E sigo na luta para fazer da leitura e da literatura algo desmistificado e presença constante na vida pelo menos dos que estão inseridos no universo do aprender.

Quem tem “prática” vive em um mundo onde percebe indícios que outros não verificam, dispõe de pontos de pontos de referência e de um leque de respostas dos quais outros estariam desprovidos. A prática não é cega, ela tem ferramentas e organiza seu mundo: ela supõe, e produz o aprender. Mas esse aprender, que é o domínio de uma situação, não é da mesma natureza, nem seu processo, nem em seu produto, que o saber enunciável como saber-objeto.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> CHARLOT, 2000, p. 63-64.

<sup>23</sup> CHARLOT, 2000, p. 63.

Por isso, incomoda-me tanto desfazer um mal-entendido que existe de que a literatura serve apenas para possibilitar ao aprendente absorver recortes de escolas, contextos históricos, características e nomes das principais obras e quiçá a sua importância para este ou aquele estilo literário. Tal prática corrobora a memorização de informações e dá-me certeza de que os efeitos colaterais deixarão aos alunos um gosto sempre amargo da literatura-xarope, servida em doses homeopáticas. Entretanto, a minha reflexão não é negativista ou fatalista. Muito pelo contrário, vejo que é na prática do professor organizador do espaço de aprendizagem que está o cerne da questão. Nesse sentido, mais uma vez me lancei no desafio de transformar uma das minhas aulas, ainda que driblando todo planejamento metodológico acordado nas reuniões de atividade complementar. Apresentei a proposta de reproduzirmos, encenando, a Semana de Arte Moderna, já que se tratava de uma turma do 3º ano do Ensino Médio do curso de Magistério que sentia a necessidade de alçar novos voos.

A proposta constava em dividirmos a turma em grupos que reviveriam a Semana de 22. Isto incluía produzir um texto e encená-lo, simulando a semana que antecedeu o início do movimento, criando os conflitos, as confusões e os desacordos. Tudo acontecia simultaneamente, enquanto os alunos personagens da história real se reuniam semanalmente e viviam cada experiência relatada nos livros e criada por eles para recheiar o desfecho que aconteceria ao final da 4ª semana do início do projeto. Mas eu não imaginava que seria fácil, e brigas e desentendimentos não faltavam entre eles, inclusive sugerindo suspender a apresentação e fazerem provas. Entretanto, nada me desviaria da proposta, ou por assim dizer Missão. E, enfim, chegou o dia e foi incrível o nervosismo de todos eles que montaram todo um cenário com rélias e o figurino que nos remetiam à época. O envolvimento de todos era notório, havia uma atmosfera de precisamos deixar a “pró” feliz. Pois, em nenhum momento, houve acordo de que seria para nota. Foi um alvoroço nos corredores uns repassando texto, outros afiando o discurso e outros cuidando impecavelmente do cenário, que contava até com um piano de calda. Foi mágico tudo aquilo, quantos artistas estavam escondidos quietados no fundo de uma sala ou insuportavelmente barulhando durante as aulas, frustrando-me e frustrando-se a cada tocar da sineta, como quem marchava impiedosamente para o seu algoz.

O pátio da escola ficou pequeno para o movimento. A venda da revista *klaxon* esgotou, ao som do piano, enquanto quadros eram expostos e especulados. Os artistas representados contavam a sua própria história e emocionavam-nos com suas prosas e poesias. E deixamos aquele pátio preenchido de um prazer e de uma memória de quem havia viajado e conversado com todos os autores e artistas do cenário em questão. O mais gratificante é que a maioria já estava aprovada e os poucos restantes dependiam de quase nada para a conclusão do curso. Provavelmente, muitos de nós não nos encontraríamos tão facilmente, já que saem para as cidades mais próximas e até para a capital para fazerem faculdade. E realmente muitos eu nunca mais os vi desde que terminaram o curso há 5 anos. Entretanto, em uma noite daquelas em que no pegamos a perguntar se tudo vale a pena, pois a alma está pequena, surgiu no portão uma das alunas que havia experienciado com a turma aquela aventura literária, para dizer-me que se lembrava de cada momento e que a partir dali encarava a literatura como uma amiga próxima, que gostava de conversar e que muitas vezes se pegava rindo de alguma situação que povoou as muitas “*reuniconfusões*”. Às vezes, recebo algumas mensagens em uma comunidade virtual e são falas dos personagens que eles representaram. Pegome a rir sozinha. Ah, quantas Pagus!

[...] O pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto. Daí que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos de uma realidade.<sup>24</sup>

Ao iniciar o ano posterior, novamente iniciei em uma turma de Magistério. Desta vez, com Metodologia da Literatura infantil. Era incrível como o destino insistia em promover por ora a separação em um casamento que estava em crise: Eu e a literatura.

De acordo ao programa, havia muitos conhecimentos teóricos a serem apresentados à turma. Porém, como se tratava de metodologia, iniciei um projeto de leitura que intitulei de *Quem conta um conto aumenta um tanto*, cujo objetivo era formar leitores na nossa sala de aula e disseminar a leitura nas escolas de Ensino

---

<sup>24</sup> FREIRE, Paulo. Educação “bancária e educação libertadora. In: PATTO, Maria Helena Souza (Org.). *A psicologia escolar*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 68.

Fundamental da cidade, uma vez que seria o espaço onde as formandas estagiariam. Todos se mostraram bastante empenhados. Fomos à biblioteca de uma escola municipal e selecionamos os textos de acordo com a faixa etária do público-alvo. Iniciamos durante as nossas aulas leituras sempre usando estratégias que a participação da classe fosse a maior possível. Passei-lhes algumas técnicas de interpretação, estudamos a estrutura das narrativas e começamos a montagem das encenações e a construção, de cenários e dos figurinos.

Após três meses, contatamos com as escolas e organizamos um cronograma de apresentações. As encenações eram encantadoras. Logo percebemos algumas carências nas escolas e passamos a fazer coletas de materiais de higiene pessoal. E, durante as apresentações, criamos um personagem para apresentar a teatralização dos textos sempre precedidos de conscientização do cuidado com o corpo e de incentivo à leitura. Este projeto estendeu-se por mais dois anos e culminou com uma apresentação pública às margens do lago da cidade, com distribuição de livros doados pela comunidade. Com a extinção do curso do magistério, não mais fizemos apresentações. O grande ganho para nós era sempre ver os olhares agradecidos e curiosos da clientela e o prazer e a dedicação do grupo envolvido. A leitura passava a fazer parte do cotidiano dos alunos e das alunas do magistério. Hoje, como professoras, dizem que nunca se esqueceram dessa experiência. Mais uma vez comprovamos que precisamos criar situações de aprendizagem, para que a leitura não faça parte apenas do universo de poucos.

Aprender, então, é dominar uma relação, de maneira que, nesse caso tampouco, o produto do aprendizado não pode ser autonomizado, separando, separado da relação em situação. Todavia, aí também, pode-se adotar uma posição reflexiva e designar a relação.<sup>25</sup>

Com o término do curso, fui novamente para o Ensino Médio e desta vez fui procurada pelo professor Emetério, de Geografia, com o desafio de colocar no papel uma brilhante ideia: montar um projeto de documentário estudantil, amador, que envolvesse toda a escola e fosse sobre a cidade. Assim, convidamos mais dois colegas, Oswaldo, de Língua Inglesa, que já havia produzido um filme, e Rosana Sande, de Língua Portuguesa. Em seguida, reunimo-nos para criar os critérios de avaliação, buscar parcerias financiadoras e o tema daquele ano. Em votação,

---

<sup>25</sup> CHARLOT, 2000, p. 70-71.

ganhou a minha sugestão: *Gandu em Foco*. E o projeto foi batizado com o título *Gandu corujão de Prata*, unindo o nome atual da cidade e o antigo. Era perceptível o clima de alegria dos envolvidos. Toda a escola podia se inscrever em grupos de até 7 componentes.

Nesse ínterim, o professor escritor-diretor-ator se incumbiu de dar aulas sobre roteiro e todo fazer do documentário e tínhamos que ler durante todo o tempo. A escola era um celeiro de documentaristas amadores e o apoio das famílias era constante. Trabalhamos durante 4 meses neste projeto e no dia da premiação todos pareciam ir a um verdadeiro Oscar. No ano seguinte, já não fomos às salas fazer inscrição, pois os alunos se organizaram e divulgaram inclusive na rádio da cidade e tivemos *As várias Faces de Gandu*. E novamente foi um sucesso. Entretanto, com a extinção da escola, passamos para outra. E, infelizmente, mesmo procurada pelos alunos, não conseguimos voltar a executar o projeto por uma série de fatores, inclusive a execução de muitos projetos.

Naquele período, pude inferir que podemos fazer atividades que envolvam leitura e produção textual e que não é preciso ser professor de Língua Portuguesa para tomar iniciativa. Às vezes, hesitamos em tornar o aluno protagonista da aprendizagem e através de observação e relatos deles sobre as propostas é perceptível a satisfação.

Ninguém poderá educar-me se eu não consentir de alguma maneira, se eu não colaborar; uma educação é impossível, se o sujeito a ser educado não investe pessoalmente no processo que o educa. Inversamente, porém, eu só posso educar-me numa troca com os outros e com o mundo.<sup>26</sup>

Assim, acredito que a aprendizagem por meio de situações de ensino que põem o aluno como coautor, sem dúvida, é mais significativa, uma vez que ele participa de todos os momentos da construção do conhecimento, classificando-os em hierarquia de importância. Ao ser tratado apenas como receptor de conhecimento, ele torna-se acomodado e distante da concretude do ato de aprender. Por isso, a participação do aluno no cenário do processo de *ensino-aprendizagem* ou *aprendizagem-ensino* é imprescindível. Entretanto, muitas são as queixas que ouço, em conversas com colegas de trabalho, onde o aluno não tem iniciativa ou coisas do tipo. Sei que nem sempre é fácil para o professor promover

---

<sup>26</sup> CHARLOT, 2000, p. 53-54.

ações nas quais o aluno seja protagonista. A organização e o acompanhamento demandam mais tempo do que entregar a tarefa apenas para o aluno corroborar e não são poucas as atividades e os projetos considerados essenciais para a rede estadual ou municipal que têm que ser executados, coibindo, às vezes, a efetivação de projetos que estão mais contextualizados. Com isso, não subjugo o valor dos macroprojetos. Mas reflito sobre quantas boas propostas surgem em sala de aula nos contextos mais específicos e são sufocados em prol de projetos mais gerais. Penso que, se o tempo é curto, *a priori*, deve vir uma aprendizagem mais consistente e contextualizada. Mas nada há fora do diálogo.

Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, com esperança, espero. [...] Se o diálogo é o encontro dos homens para ser mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu *quefazer*, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso.<sup>27</sup>

Nesse contexto, para que se promovam mudanças na ação de *ensinar-aprender e aprender-ensinar*, faz-se necessário um diálogo consistente com todas as partes envolvidas, sem melindres, para que *ensinador e ensinante* estejam no centro das ações didáticas contemporâneas. E, claro, somente nesta ação conjunta poderemos alcançar o maior objetivo que deve ser a aquisição de conhecimentos de forma eficaz e prazerosa, capazes de tornar leitores, transformadores de seu fazer e de seu estar no mundo. Pois,

se o mundo é o mundo das consciências intersubjetivas, sua elaboração forçosamente há de ser colaboração. O mundo comum mediatiza a originária intersubjetivação das consciências: o auto-reconhecimento plenifica-se no reconhecimento do outro; no isolamento, a consciência modifica-se.<sup>28</sup>

Neste aspecto, não temo ser tautológica, uma vez que objetivo firmar o quão é importante que as ações de sala de aula sejam conjuntas para que não se incorra no erro de primar pela técnica em detrimento do conhecimento e no nosso caso da formação de leitores e leitoras de literatura e de mundo. Pois, o jovem carece de contato com o livro, com a leitura e com a literatura. Entretanto, precisamos reencantá-lo. É preciso despertar neles a mesma curiosidade de uma criança que, aos dois anos, pega um livro e põe-se a cavocá-lo, jogando-o de um lado para o

<sup>27</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994. p. 47.

<sup>28</sup> FREIRE, 1994, p. 9.

outro e atendo-se, muitas vezes, com um olhar sereno, a uma gravura ou um acúmulo de letras. Assim, encanta-se e encanta os circundantes para a descoberta de um mundo novo, mas que a criança não hesita em explorar. Tais observações me impulsionam a crer que a criança já nasce propensa ao mundo das letras e com o tempo seu interesse vai sendo desviado, caso o seu contexto sociolinguístico não seja incentivador.

Existe o sublime alcançado através da leitura, ao que parece, a única transcendência secular que nos é possível, senão por aquela transcendência ainda mais precária que denominamos “amor, paixão”. Exorto o leitor o leitor a procurar algo que lhe diga respeito e que possa servir de base à reflexão. Leia plenamente, não para acreditar, nem para concordar, tampouco para refutar, mas para buscar empatia com a natureza que lê.<sup>29</sup>

Assim sendo, o ser humano sem o livro não tem sentido, pois sua caminhada se torna vazia. É em contato com a leitura que ele interage com o seu mundo e com outras realidades, inferindo sentido às coisas, às pessoas, aos lugares, aos acontecimentos e aos fatos históricos essenciais na formação da sua identidade. Para tal, o indivíduo acessa o intelecto, os sentimentos e a memória, capazes de reavivar e reconstruir uma interligação entre o presente e o passado, evocados para a compreensão do que é explorado no ato da leitura. Negar ao cidadão o direito à leitura, é o mesmo que condená-lo a passar a sua vida sem conhecer profundamente seus direitos e deveres, dialogando com o colonizador em pé de igualdade, sem que a manipulação seja uma ameaça constante. Por isto, urge que cada pessoa que tem acesso à leitura seja uma disseminadora da ideia de que uma maneira eficaz de colocar o Brasil no rol dos países de destaque é investir na formação maciça de leitores, uma vez que o poder está legado a quem detém mais conhecimento. Pois,

caso pretenda desenvolver a capacidade de formar opiniões críticas e chegar a avaliações pessoais, o ser humano precisará continuar a ler por iniciativa própria. Como ler se o faz de maneira proficiente ou não e o que ler não dependerá, inteiramente, da vontade do leitor, mas o porquê da leitura deve ser a satisfação de interesses pessoais.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> BLOOM, Haroldo. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 21.

<sup>30</sup> BLOOM, 2001, p. 13.

Outro aspecto que convém discutir diz respeito ao espaço dado à literatura em sala de aula e às razões pelas quais alunos e professores se têm esquivado, bem como o que docente e discente têm feito para amenizar ou driblar as desvantagens, sempre presentes no cotidiano escolar. A primeira coisa que me vem à cabeça para iniciar esta discussão é o quanto é comum ouvirmos dos colegas professores que os alunos não gostam de literatura porque não entendem, e eles dizem que o problema está na linguagem. O interessante é que esta justificativa é pouco palpável, uma vez que o jovem é movido por desafios. Assim, cada vez que propusermos ao ensinante aprender algo novo, este deve ser motivado pela escola a encarar o aprender como algo prazeroso e que exija superação de limitações encontradas no caminho percorrido para se chegar à meta almejada. Muitos são os relatos de artistas, atletas e para-atletas que enfrentam durezas para se tornarem profissionais reconhecidos, imbuídos em tornar a aprendizagem parte da sua existência. Para tal, eles se empenham, são persistentes, movidos pela realização do desejo de tornar-se o que aspiram ser. Por isto, insisto em dizer que a literatura não pode ter como oponente e desculpa como a linguagem ou coisa do tipo, que a tem deixado bem longe das aulas de Língua Portuguesa. “Para sermos capazes de ler sentimentos humanos descritos em linguagem humana precisamos ler seres humanos – fazê-lo plenamente. Somos mais do que ideologia, sejam quais forem as nossas convicções”.<sup>31</sup>

A aprendizagem humana não se resume somente aos ensinamentos escolares. Entretanto, no que concerne à leitura, nem todas as famílias estão aptas a incentivarem seus filhos a serem bons leitores, uma vez que na maioria das vezes também não foram estimulados na infância e na juventude. Assim, diante de tantas discussões acerca do déficit de leitura no Brasil e, por conseguinte, do baixo índice de rendimento escolar dos educandos, a literatura não pode ficar de fora do contexto educacional. E negligenciar o ensino por afirmar que os alunos não gostam de ler os livros clássicos devido à linguagem é usurpar deles o direito de conhecer valores intrínsecos, estéticos da obra e principalmente realidades diversas que estabelecem conexões com a história, a sociedade, a política e a religião de distintas épocas. Nesse sentido, parafraseando as orientações curriculares para o Ensino Médio, digo que, ainda que a literatura seja um modo discursivo entre vários, sua aplicabilidade

---

<sup>31</sup> BLOOM, 2001, p. 20.



deve ser garantida, pois possibilita ao discente acessar as possibilidades linguísticas, cuja liberdade literária é utilizada com maestria.

A leitura do texto literário é, pois, um acontecimento que provoca reações, estímulos experiências múltiplas e variadas, dependendo da história de cada indivíduo. Não só a leitura resulta em interações diferentes para cada um, como cada um poderá interagir de modo diferente com a obra em outro momento de leitura do mesmo texto.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> FABRIS, Márcia Gabriel Becker. *Formação do leitor sob o olhar da literatura*. Monografia (Especialização em Língua e Literatura) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009. p. 26.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUMAS PALAVRAS

Ao colocar palavras no papel, sinto uma espécie de fome de aprendizagem, de quem após anos, meses, dias, horas, minutos e segundos remoendo agitada e até sufocada a vontade de escrever sobre a inquietação de estar na sala de aula anos após anos e vivenciar situações que dão mostras da carência de leitores de obras literárias. É evidente que o povo brasileiro não é constitutivamente um povo leitor. No entanto, seus autores consagrados no passado e no presente apresentam determinada envergadura intelectual que se torna triste haver tamanho hiato entre o número de leitores e as obras publicadas. Ao escrever sobre o tema, tive a oportunidade de acessar autores que me fazem inferir que é possível formarmos leitores. Pois a leitura está por toda parte e que o contato desde cedo com livros torna a leitura de livros de literatura, inclusive clássica, mais prazerosa.

Convém acrescentar que o papel do professor é muito importante na escolha de estratégias de leitura e que o mesmo não depende só de técnica, mas dedicação, amor e independência na gestão da sala de aula. Paulo Freire diz que

[...] o professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do “faça o que mando e não o que faço”. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo.<sup>33</sup>

Outro aspecto importante é que se faz necessária uma ação conjunta entre família, governos e escola para que todos sem exceção tenham direito a ler todo tipo de obra, independente do custo. Para termos leitores em massa, precisamos democratizar o acesso aos livros, aumentando o número de bibliotecas públicas e baixando o valor dos livros, como aconteceu com o valor do jornal de grande circulação em Salvador, agora ao alcance de todos. O preço dos livros é um desmotivador da leitura. É certo que a demanda baratearia o preço dos livros. No entanto, poderia surtir efeito algum tipo de incentivo governamental para uma possível campanha de motivação à leitura. A tradicional regulação das elites brasileiras em querer que o povo permaneça na ignorância, impossibilitando o acesso das minorias sociais à interpretação do mundo, ganhou terreno fértil no

---

<sup>33</sup> FREIRE, 2001, p. 38.

sistema educacional, pois como bem dizia Freire: ler o mundo precede a leitura de um texto escrito.

A escola não pode fechar-se às inovações e à tecnologia. Pois o que precisamos é utilizarmos os recursos tecnológicos em favor da aprendizagem. É preciso lançar-se ainda que como aventureiro, em novas tentativas e experiências que tirem alunos do estado de comodismo e rejeição ao conhecimento de obras literárias. Para tal, devemos nos despir de hermetismos pedagógicos. Assim Freire diz:

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como critério e recusa ao velho não é apenas o cronológico, o velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo.<sup>34</sup>

Continua Freire,

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo.<sup>35</sup>

A literatura em sala de aula sempre encontrou dificuldade em estabelecer-se enquanto arte, pois de início merecia respeito por servir de modelo por conter arcaísmos da Língua materna. Em seguida, descritivo social, geográfico, social e histórico de uma época. Hoje, ainda que presos a exigências do vestibular, nota-se algumas mudanças, ainda que tímidas, mas eficazes na formação de jovens leitores. Estes prendem-se a leituras em que haja uma identificação com o seu mundo, com seus interesses e anseios. Livros de ficção têm tido entrada entre muitos jovens. A ficção é um tipo de literatura que ajuda a perceber as capacidades da imaginação e de transpor limites por meio da magia que o encantamento das letras produz na pessoa, principalmente em se tratando de jovens, os quais estão em fase de descoberta de sua vontade de abstração, segundo a teoria da psicologia do desenvolvimento de Piaget. Dessa forma, é interessante e preciso aguçar a

---

<sup>34</sup> FREIRE, 2001, p. 39.

<sup>35</sup> FREIRE, 2001, p. 43-44.

curiosidade dos mesmos frentes às obras de ficção e também às clássicas, pois muitas obras de ficção da literatura brasileira podem exercer o mesmo fascínio que romances mais pautados pelas produções cinematográficas. Exemplos de ficção brasileira que são magníficas e que podem encantar a juventude são as obras de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Clarisse Lispector, e por que não Paulo Coelho?!

A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a quem me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixo da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autora. Essa forma viciada de ler não tem nada que ver, por isso mesmo, com o pensar certo e com o ensinar certo.<sup>36</sup>

Por isso, acredito que ao jovem interessa a leitura que o faça sair do chão, isolar-se do mundo real, enquanto mergulha fundo em histórias remendadas a partir de palavras escolhidas intencional e aleatoriamente pelo escritor, que ao termos contato com elas parece que nos escolheram. Assim deve ser a leitura de um livro fascinante capaz de fazer com que o leitor por ora saia da cadeira, respire outros ares, visite outros lugares e viaje por mares nunca dantes navegado. Capaz de tornar o leitor embevecido por olhares, gestos e declarações que no livro revelam a maestria da trama do autor ao descrever cenas corriqueiras, mas que na sua tessitura textual são incomparáveis ao real.

Assim, nenhum homem ou mulher, sendo jovem, idoso ou criança deve ser privado da leitura, pois a mesma liberta o ser humano e o capacita a enxergar com seus próprios olhos, ver a vida por várias óticas, quebrar paradigmas e até pintar o arco-íris com novas cores. A leitura torna um dia de sol muito mais agradável e um dia de chuva mais aconchegante. O livro é o companheiro dos desolados e a companhia dos que celebram a vida.<sup>37</sup>

A leitura é um exercício existencial no qual a pessoa aprende a dizer a sua própria palavra. O exercício de ler é uma forma de receber e refundar novas formas e possibilidades de arranjos de sintaxe e formas derivativas de subordinações e de apostos. Há toda uma gama de eventos que são desencadeadas com a descoberta da leitura, a constituição dos símbolos e a constante reconfiguração das palavras anima a regularidade das estruturas que podem, por vezes, redundar em chatice se não houver uma relação direta com a capacidade de imaginar e de criar

---

<sup>36</sup> FREIRE, 2001, p. 30.

<sup>37</sup> BLOOM, 2001, p. 39.

possibilidades de comunicação. Comunicar é fazer imaginar, é fazer sonhar e construir condições de transformação da subjetividade em positividade cotidiana. As palavras não contêm todas as figuras de horizonte que a imaginação cria ou recria a partir das palavras instigadoras ouvidas ou lidas num determinado lugar. As palavras são como sementes que lançadas à imaginação podem frutificar em novas plantações de sonhos e de esperanças de um mundo interno que somente cada pessoa pode compartilhar com a outra.

## REFERÊNCIAS

- BLOOM, D.; KRATHWOHL, D. R.; MASIA, B. B. *Taxionomia de objetos educacionais*: domínio afetivo. Porto Alegre: Globo, 1973.
- BLOOM, Haroldo. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BRASIL. Ministério da Cultura. *Orientações curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologia*. Brasília: MEC, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 2000.
- CASTRO, Maria da Conceição. *Língua e literatura*. São Paulo: Saraiva 1993.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*: elementos para uma teoria. Porte Alegre: Artmed, 2000.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 17. ed. São Paulo: Global, 2004.
- FABRIS, Márcia Gabriel Becker. *Formação do leitor sob o olhar da literatura*. Monografia (Especialização em Língua e Literatura) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.
- \_\_\_\_\_. Educação “bancária e educação libertadora. In: PATTO, Maria Helena Souza (Org.). *A psicologia escolar*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança*: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho*: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.
- JOLIBERT, Josette. *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PORTUGUÊS: Projetos. São Paulo: Ática, 2005.
- SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani. *Literatura na escola*: propostas para o ensino fundamental. Porto. Alegre: Artmed, 2006.